

Revista da Universidade Ibirapuera

Volume 5 – Janeiro/Junho 2013

ISSN 2179-6998

Revista da Universidade Ibirapuera

Universidade Ibirapuera

Reitor

Prof. José Campos de Andrade

Pró-Reitor Administrativo

Prof. José Campos de Andrade Filho

Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Prof. Dr. Antônio Carlos Guedes-Pinto

Diretor Acadêmico

Prof. Alan Almario

Diretora Científica

Profa. Kilça Tanaka Botelho

Editora-Chefe

Profa. Camila Soares

COMITÊ EDITORIAL (UNIVERSIDADE IBIRAPUERA)

Prof. Alan Almario

Profa. Ana Carolina Santos

Profa. Camila Soares

Profa. Carina Macedo Martini

Prof. Cassio José Callegaro

Prof. Cyro Eduardo de Carvalho Ottoni

Prof. Eduardo Colalillo

Prof. Glauco Belmiro Rocha

Profa. Kilça Tanaka Botelho

Profa. Luciana Baltazar Dias

Prof. Manoel Ricardo Severo

Profa. Maria da Penha Meirelles Almeida Costa

Profa. Maria Helena Bacaicoa

Prof. Rafael Biffaratte

Prof. Rodrigo Toledo

CONSULTORES CIENTÍFICOS

Profa. Adriana Maria Fraiha Monteiro – Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Alessandra Corsi – Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT/USP)

Profa. Aurea Rodrigues - Universidade do Porto – Portugal

Profa. Elita Urano de Carvalho – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN/USP)

Prof. Geraldo Jorge Mayer Martins – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Humberto Gracher Riella – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Julio Nelson Scussel - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Leandro Dos Santos Afonso – Universidade Bandeirante (UNIBAN)

Profa. Kênia Warmiling Milanez - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Kleberison Ricardo Pereira – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Rogério Ota – Universidade São Judas Tadeu

Profa. Sônia Maria Lanza – Centro Universitário FIEO (UNIFIEO)

EQUIPE TÉCNICA

Projeto Gráfico e Diagramação – Ricardo Feliciano

Bibliotecária Responsável – Paola de Carvalho (CRB 8756)

Desenvolvimento Web - Daniel Swater de Castro

Áreas de interesse da revista

Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes

SUMÁRIO

VIOLÊNCIA E DESENCANTO: DE MARQUÊS DE SADE A RUBEM FONSECA

RACHEL FÁTIMA NUNES

MARKETING PARA A SUSTENTABILIDADE: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

ELIANE PENHA MERGULHÃO DIAS , ANA MARIA PEREIRA¹, KATSUJI WATANABE

PSICANÁLISE DE CRIANÇAS: HISTÓRICO E REFLEXÕES ATUAIS

MAÍRA BONAFÉ SEI , MARIA FERNANDA VASQUES CINTRA¹

DROIDCONTROLE: SISTEMA DE AUTOMAÇÃO WIRELESS VIA BLUETOOTH USANDO A PLATAFORMA ANDROID

FRANCISCO DE ASSIS DE FREITAS GOMES¹ ALEX TORQUATO CARNEIRO¹

DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL À INDEPENDÊNCIA DA INDIA: UMA BREVE ANÁLISE DO PERCURSO POLÍTICO DE GANDHI

JOSEFINA NEVES MELLO , MARIO ANTÔNIO DE LACERDA GUERREIRO¹

EDITORIAL

A Revista da Universidade Ibirapuera chega ao quinto volume estimulando a pesquisa, uma das experiências necessárias à formação de futuros pesquisadores e de profissionais habilitados para atuarem em suas respectivas áreas.

Com autores de várias instituições do país, é possível perceber o interesse e a importância do periódico.

Nesta edição, são apresentados temas nas áreas de literatura, marketing, psicanálise e tecnologia.

Esperamos que a confiança depositada nesta revista, como um dos meios para a socialização de resultados, sejam constantemente renovados, propiciando visibilidade às produções acadêmicas.

Prof^a Kilça Tanaka Botelho
Diretora Científica

Artigos científicos /
Scientific articles

Violência e Desencanto: de Marquês de Sade a Rubem Fonseca

Rachel Fátima Nunes
Universidade Estácio de Sá
Rua do Bispo, 83 - Rio de Janeiro – RJ

Resumo

Neste artigo busca-se sucintamente discutir à luz da Ética a luta de Gandhi no processo de independência da Índia. Refletindo sobre os acontecimentos históricos, levando-se em conta os princípios éticos aristotélicos e o princípio hindu da satyagraha o objeto deste estudo é tão somente demonstrar que pela força da verdade e pelo princípio da não violência foi possível a Gandhi, com base na desobediência civil de Thoreau, realizar uma revolução pacífica e tirar de sob o jugo britânico o povo indiano.

Palavras-chave: desobediência civil; ética; gandhi; independência da Índia; satyagraha.

Abstract

This article seeks to briefly discuss the light of Gandhi's struggle Ethics in the process of independence of India. Reflecting on the historical events, taking into account the ethical principles and the Aristotelian principle of satyagraha Hindu object of this study demonstrate that it is so only by virtue of the fact and the principle of non-violence Gandhi was possible on the basis of civil disobedience Thoreau, hold a peaceful revolution and take under the yoke of the British Indian people.

Keywords: Brazilian romance; contemporary literature; violence and disenchantment

1. Introdução

Ah, Luzes, Luzes, não fostes apenas a preparação para as Trevas?

(Marquês de Sade)

No romance “A grande Arte” de Rubem Fonseca Rubem Fonseca retrata a situação do país mergulhado numa crise social: ceticismo e desencanto diante do sistema capitalista predatório, corrupto e corruptor.

O autor aborda a violência herdada das diferenças de classe, a impunidade originada da riqueza adquirida através de atos ilícitos, a descrença nos valores sociais, ratificando assim os graves problemas que o Brasil atravessava na década de oitenta quando a obra foi escrita. A própria estrutura do estado brasileiro oferece as possibilidades para que o esquema de corrupção e impunidade se instale.

2. “A Grande Arte”: acerca do poder e da violência

Não é mais possível percorrer o caminho traçado por Alejo Carpentier, em “O Século das Luzes”, quando segundo Figueiredo:

A pluralidade dos tempos vivida na América Latina permitia ao autor a confrontação de dois mundos: o da história tal como se fazia na Europa e o da selva americana, ainda virgem de história a sugerir a possibilidade de um recomeço, evitando o que, na civilização ocidental, havia levado à deterioração do sonho de uma sociedade verdadeiramente civilizada (FIGUEIREDO, 1994, p.121).

O livro de Carpentier, escrito em 1962, indica uma nova possibilidade social no auge da revolução cubana. Já o romance “A Grande Arte”, de 1983, foi escrito quando esta revolução já sofria desgaste com a supressão da ajuda soviética. Se o autor cubano acreditava na reconstrução das utopias, Rubem convive com a descrença nos ideais utópicos, tendo uma visão cética do poder: “O medo de perder o Poder, o medo que está sentindo este governo, é que torna as pessoas mais corruptas. Se me permite um circunlóquio, no Brasil, o Poder cria os corruptos e a corrupção cria os poderosos. O governo, a igreja, a imprensa, o empresariado, militares, intelectuais – não se salva ninguém meu caro Senador” (FONSECA, 2002, p.283).

A ligação entre o poder e a corrupção é apresentada em “A Grande Arte” por um senador que regularizará a licença de uma das empresas do conglomerado Aquiles,

organização multinacional, que atua em diferentes setores como finanças, exploração de motéis e até tráfico de drogas. O próprio senador faz o seguinte comentário a respeito do envolvimento de certos grupos com os esquemas de corrupção:

Como os senhores sabem, além da Máfia, que já está há tempos no negócio, outras instituições internacionais como organizações terroristas, grupos religiosos, agremiações políticas etc., estão entrando também no comércio da droga. Mas garanto a vocês que a nossa Organização resistirá a essa concorrência, a qualquer tipo de concorrência. Somos Sólidos. Eficientes (FONSECA, 2002, p.221).

Quais expectativas alimentar diante da falência dos discursos utópicos e da impossibilidade de sentir qualquer esperança? Vera Lucia Follain de Figueiredo afirma: “Há uma espécie de ‘meta-sistema’ inabalável que determina a circularidade estéril, anula o efeito das ações, tornando-nos prisioneiros de uma ordem cujas regras não conhecemos”. E completa: “Um ciclo diabólico transforma a utopia em frustração. A história que pensamos fazer é um arremedo de história: não é a ação que transforma o sistema, mas o sistema que transforma a ação e a distorce segundo fins ocultos, regidos por um poder que não se consegue abalar” (1994, p.121).

Dentro desse contexto, as grandes utopias – razão, sujeito, sentido, verdade, ciência, totalidade – entram em decadência, não mais se creditando ao futuro a concretização de projetos que atendam às necessidades de uma sociedade mais justa. Fonseca ressalta que a crise social em que o Brasil está mergulhado impõe às relações humanas a submissão ao valor monetário. Em certa passagem do romance o autor resume a história atual do Brasil como uma sucessão de governos corruptos, em que a busca pelo poder é a medida de todas as coisas: “Milionários saídos do nada, homens inescrupulosos que se aproveitam da situação que o país atravessa para se encher de dinheiro. A história atual do Brasil pode ser resumida nestas palavras – poder desenfreado, medo, estupidez e corrupção” (FONSECA, 2002, p.207).

Rubem Fonseca descreve o funcionamento dos esquemas de corrupção e de impunidade, apresentando a forma pela qual a classe dominante monopoliza a maior parte das riquezas materiais do Brasil, envolvendo-se em negócios ilícitos. Mandrake, a personagem central de “A Grande Arte”, é um advogado que cumpre as funções de um detetive, investigando o assassinato de duas massagistas. Auxiliado por

seu sócio Wexler e pelo policial Raul, suas investigações levam-no a incomodar Aquiles, o conglomerado já mencionado.

O sistema capitalista é um dos pontos importantes da trama do romance. Mandrake não tem como objetivo nem a filantropia nem pensa em eliminar as misérias que presencia; ao contrário, ele é mais um misantropo criado por Rubem Fonseca, com dignidade suficiente para “«não transmitir a nenhuma criatura o legado de nossa miséria»”: “Ada queria casar e ter filhos, mas eu não queria ter nada nesse mundo. Quem deveria ter filhos era Elizabeth, e eu a impedi-la. O mundo precisava mais de gatos do que de gente” (FONSECA, 2002, p.74).

Seu objetivo, na realidade, é desvendar a organização criminosa Aquiles. Mandrake investiga essa estrutura empresarial capitalista, onde impera o crime organizado. Entrando em contato com este sistema financeiro, ele conhece duas personagens que exemplificam muito bem o oportunismo político e o abuso de poder: José Zakkai e Camilo Fuentes, beneficiários dos lucros do Escritório Central. Esses dois representam de forma contundente o cinismo e a misantropia daqueles que fazem do poder seu objetivo último:

José Zakkai: — Também presidentes e ditadores das grandes potências e das republiquetas de petróleo, eles também sabem do futuro atroz, por isso cometem esses desatinos, essas traições, essas torpezas. Aqui no Brasil a coisa será realmente fantástica. — Você odeia a humanidade, disse Fuentes. — A humanidade é um monte de merda, disse Zakkai (FONSECA, 2002, p.283).

Thales de Lima Prado é uma personagem da elite que, de forma inescrupulosa, chegou ao poder. Por trás da máscara de pai-de-família-exemplar esconde-se uma personalidade cínica. Sua postura se enquadra à perfeição na definição de cinismo do Dicionário Básico de Filosofia (JAPIASSU & MARCONDES, 2001), que diz que o cínico assume uma atitude individual que consiste no desprezo, por palavras e atos, das convenções, das conveniências, da opinião pública, da moral admitida, ironizando todos aqueles que a elas se submetem e adotando, em relação a eles, um amoralismo agressivo e debochado.

A estrutura atual da sociedade – e provavelmente há milênios – não reside, como se tem ideologicamente atribuído desde Aristóteles, na atração entre os homens, mas sim no interesse próprio de cada um contra os interesses de todos os demais. Isso penetrou profundamente o caráter humano. O que

for contrário a esse conceito, o espírito gregário da chamada *lonely crowd*, a multidão solitária, representa uma reação, uma aglutinação de pessoas frias que não suportam a própria frieza, mas também não podem modificá-la (ADORNO, 1994, p.43).

As personagens de Rubem demonstram, por vezes, uma perplexidade diante do sistema corrupto. Neste quadro desolador, Rubem mostra a organização das elites, absorvidas exclusivamente por seus problemas privados, dando as costas aos problemas coletivos. Entretanto, de acordo com Jurandir Freire Costa, a idéia de salvação individual – seja pelo “controle técnico da infelicidade”, seja pela produção de uma “felicidade via nasal” – torna a elite brasileira física e moralmente dependente do que existe de pior na sociedade:

De um lado, o submundo da cocaína e seus monstruosos efeitos, entre os quais o despotismo de bandidos e policiais vendidos ao tráfico sobre a população das favelas, a corrupção do sistema jurídico-policial e, sobretudo, a degradação moral do valor do trabalho aos olhos das crianças, adolescentes e adultos pobres. De outro lado, a multidão de “especialistas” em felicidade sexual, amorosa e química que, em coro, propagam e reforçam na mídia o mito da salvação individual, num Brasil moderno, informatizado, neoliberalizado e com todos os problemas resolvidos, de antemão, pelas leis do mercado (FREIRE COSTA, 2000, p.87).

Os esquemas de corrupção, o individualismo e o consumismo das elites tornam Mandrake um cético. Resta-lhe o vazio, a confusão e a enorme dificuldade de sentir, representar e interpretar o processo de vida em seu permanente movimento dialético de construção e desconstrução. Mas apesar do ceticismo, a personagem sabe quem são os exploradores, os explorados, e quem tem o poder de tirar a vida dos outros: “Tóxico e pornografia. (...) Isso dá muito dinheiro neste país esfuziante. Pó e putaria, esse é o negócio deles, uma cooperativa que chamam de Escritório Central. (...)

O Escritório Central é uma organização criminosa que utiliza empresas legítimas como cobertura, por um lado, e como diversificação de investimentos, por outro” (FONSECA, 2002, p.152).

Ao percorrer o mundo das elites, Mandrake se depara com assassinos hedonistas, violentos e psicopatas. Quando Ada, sua namorada, é estuprada, em decorrência de uma investigação policial, envolvendo o

assassinato de prostitutas, Mandrake decide se vingar. Através de Hermes, um professor na arte do Percor (técnica do manuseio de armas brancas), ele compra uma legítima Randall e aprende a manejá-la. Tudo para realizar seu ímpeto violento na imaginação, pois tem fobia a sangue.

Quanto à relação amorosa, Mandrake age mecanicamente, sem revelar nenhum sentimento. Através de sucessivas relações sexuais carregadas de um sentimento cético, ele retrata as mazelas do cotidiano. Após o estupro sofrido por Ada, Mandrake se depara com a efemeridade das relações humanas: “Era mais do que uma simples sensação de desejo o que eu sentia antes de vê-la assim. Era uma sensação de maravilhamento, de espanto ante aquela nudez ardente, viva como nenhuma outra coisa viva. Agora... Onde estava aquilo? Como podia ter passado?” (FONSECA, 2002, p.244). A efemeridade das relações humanas, barreira criada por Mandrake pelo medo de um envolvimento mais profundo, é outro fator para torná-lo um cético:

Ada de nada sabia. Era a mais antiga, como Bebel dizia, e se soubesse me abandonaria. Ada queria casar e ter filhos. Isso me deixava desanimado e infeliz. Existiam homens que haviam nascido para serem maridos, pais chefes de família. Eu não conseguia viver num desses papéis. E, no entanto, todas as mulheres queriam casar e ter filhos comigo. Para quê? Não poderia mesmo durar (FONSECA, 2002, p.262).

Célia Pedrosa diz que boa parte das personagens de Rubem é de figuras cultas, intelectuais e artistas, conscientes das repressões e dos erros da sociedade, mas que, impossibilitadas de mudá-la, perdem-se em esquemas de agressões e de sexualidade desenfreadas. Extravasando através do sexo suas frustrações, segundo a autora, elas demonstram um “instinto sexual desnortado” (PEDROSA, 1977, p.38).

Mesmo a satisfação eventual de seus desejos só funciona como válvula de escape para amenizar o tédio e a mediocridade do cotidiano: “Senti uma inesperada saudade do corpo de Eva, a filha mimada do senador corrupto, e logo fui invadido por saudades ainda maiores de Ada, vontade de sumir com ela naquele imenso mar vegetal, ‘trepar’ o dia inteiro, virar as costas aos amigos, culpados e inocentes, multidão das ruas, ardores urbanos, efemérides e alegações finais. Fechei os olhos e sonhei com Ada (FONSECA, 2002, p.108). Essa fuga da realidade pelo sexo agrava o desnortamento de Mandrake, que se revolta com a ati-

tude das mulheres que lhe cobram uma postura fiel:

Por que elas haviam feito aquilo comigo? Idiotas. Lilibeth, a grãfinota, nunca mais arranjará um homem como eu, merecia mesmo o Val com a sua moqueca de peixe. A Nova Peste negra tomaria conta de Bebel, ajudada pela obesidade. Não quis pensar em Ada. A melhor vingança era ficar vivo muito tempo (FONSECA, 2002, p.294).

As personagens de Rubem levam uma vida promíscua, com sexualidade desenfreada; no entanto, é somente entre os membros da elite que o autor procura evidenciar a relação existente entre arte e violência, artista e criminoso. Tal correlação é encontrada na figura de Thales de Lima Prado, cuja dita superioridade está associada à genialidade do ato criminoso visto como algo estético. Já no submundo, não existe esta preocupação com a estética, o que encontramos é somente o desejo de matar associado a um impulso cego e primitivo, como é o caso de Camilo Fuentes.

De acordo com Célia Pedrosa (1977, p.37), não é só o homem culto que extravasa a sua frustração no sexo. O homem da escória, oprimido, sem consciência, também o faz. O exemplo é Camilo Fuentes, personagem do submundo de “A grande Arte”. Para ele, a relação entre sexualidade e desejo de matar está associada a uma força da natureza: “Começou a possuí-la (...) espancando-a e fazendo-a gemer e pedir mais (...). Seus braços envolveram a mulher como se fosse partir-lhe as costelas, seu corpo arrojou-se contra o dela em violentos arremessos que lhe fizeram doer todos os ossos” (FONSECA, 2002, p.114 e 105).

Segundo Pedrosa, as personagens de Rubem Fonseca matam por compulsão, impelidas por motivos que elas mesmas desconhecem. Lima Prado, por exemplo, não consegue compreender a razão de praticar seus crimes com tais requintes de crueldade. “Não adiantava imaginar por que fazia aquilo. Era uma perda de tempo especular por que determinadas coisas dão prazer. O P não tinha ressonâncias literárias, nemele se considerava um psicótico puritano querendo esconjurar a congênita corrupção feminina” (FONSECA, 2002, p.9).

A discussão em torno da conduta do criminoso traz para o universo da literatura a possibilidade de questionar os valores morais e éticos que regem a sociedade. O criminoso da ficção é retratado como alguém que não se reconhece como sujeito desejado pela ordem social, já a figura do de-

tetive representa a lei diante da justiça. Mas será que existe de fato um distanciamento ético entre a pessoa do criminoso e a pessoa do detetive? Não seriam tênues as fronteiras que separam os detetives dos criminosos, uma vez que ambos permanecem à margem e percorrem, de maneira errante, caminhos tortuosos? Nenhum deles tem relações estáveis, familiares, de vizinhança, de amizade; sendo assim, é impossível conceber Mandrake instalado numa sala de jantar, cercado por suas mulheres e por crianças que brincam ao redor. A estabilidade é incompatível com a errância, com os perigos da confusa trajetória marcada pela solidão.

Mandrake constata uma engrenagem anônima que sustenta a violência nas grandes cidades ao se confrontar com o mundo do crime. Frustrado, ele abandona a investigação miúda e parte para uma visão mais ampla dos fatos, selecionando e ordenando os dados no interior do universo discursivo. Ao analisar de forma subjetiva os Cadernos de Lima Prado, Mandrake deduz que ele é o assassino das massagistas. Do mesmo modo, ele interpreta a morte de Lima Prado, que se matou com uma faca na axila:

Talvez as coisas tivessem acontecido assim. Certeza eu não podia ter. Podia imaginar, concluir, deduzir – não havia feito outra coisa naquela história toda. (...).

Quando chegou a casa foi procurar o chefe para dizer que havia entregado a moça. Encontrou-o caído no quarto, segurando a Roderik Caribou Chappel, a lâmina cravada na axila esquerda. Lima Prado ainda estava vivo, porém inconsciente, e sangrava abundantemente. (...) Como no suicídio de Ajax, que ele descreve nos Cadernos. Partiu para juntar-se a Hermes, no campo de asfódelos (FONSECA, 2002, p.300).

O detetive, partindo destas reflexões, conclui que o conhecimento se manifesta com a violência proferida pelas palavras. De acordo com Célia Pedrosa, a obra de Rubem Fonseca questiona a linguagem e denuncia um aspecto negativo de seu modo de ser, através de seu relacionamento com diversos signos que veiculam uma significação de violência. Mandrake, ao constatar que a linguagem está associada ao poder, percebe que as pessoas são capazes de enganar outras através de um discurso bem-construído. Por servirem para falsear, enganar sobre aquilo que está verdadeiramente por trás delas, as palavras – os signos de uma linguagem mentirosa – inspiram temor. De acordo com Figueiredo

(1994), diante do questionamento do aspecto negativo da linguagem, e da impossibilidade de se chegar à solução dos crimes, Mandrake, ao analisar os fatos, não elimina a dor que teima em torturá-lo, imprimindo-lhe certa amargura romântica.

Esta análise, no entanto, é feita por Célia Pedrosa de forma diferenciada. A autora relaciona a amargura das personagens de Rubem a algo perdido no passado. Por isso, sem nenhuma ligação com o romantismo. Tentar voltar a esse passado, em sua integridade, é o “pior de todos os venenos”, por ser uma experiência frustrante: “Ser homem é justamente viver essa ausência da forma original e procurá-la, não a encontrando nunca em si mesma e, sim, em outras formas em que o princípio de realidade permite que se manifeste” (PEDROSA, 1977, p.67).

Mandrake se frustra quando procura decifrar os Cadernos de Lima Prado, tentando descobrir a verdade através das palavras. Pedrosa diz que essa procura pela verdade original é “uma tarefa inútil e que só fará reforçar os grilhões que nos prendem a esta origem inapreensível” (p.70). O detetive, em sua luta constante entre a busca do passado e um profundo ceticismo diante do presente, livra-se das inquietações e alcança alguma indiferença. A respeito de tal postura cética, Gustavo Bernardo Krause afirma:

Essa busca interminável pela verdade leva o cético a encontrar a diafonia que, por sua vez, o leva a concluir pela isostenia. Em consequência, o cético suspende seu juízo sobre os acontecimentos e as idéias. Ao suspender o juízo, o cético também se recusa a se pronunciar. Neste momento ele se aproxima da ataraxia, isto é, da tranquilidade intelectual garantida pela indiferença – pela adiaforia (KRAUSE, 2004, p.245).

Em Mandrake, essa tranquilidade intelectual nos parece momentânea. Desencantado diante do sistema falido e da falta de escrúpulos da elite brasileira, mergulhado no mundo da violência, ele oscila entre a indiferença e a dor: “Metido num mundo de artérias cortadas e órgãos perfurados, pensando em tornar-me um herói sinistro e vingativo, eu não podia ser boa companhia, nem para Ada nem para mim próprio. Mas o desejo de vingança logo passava e só me restava uma sensação da indiferença” (FONSECA, 2002, p.92). Neste romance, Rubem Fonseca duvida das verdades definitivas, visto que suas personagens convivem com as incertezas, indicando com este posicionamento o

ceticismo do autor que não conclui de modo claro sua narrativa. O final ambíguo do romance não descarta a hipótese de ser Mandrake o assassino das prostitutas, pois o próprio detetive se questiona: “existem mesmo culpados e inocentes?”. A oposição detetive/criminoso se dilui na trama.

Nas últimas páginas, a versão montada por ele é relativizada por Raul: “Pode ter sido qualquer pessoa. Pode ter sido você, Mandrake” (FONSECA, 2002, p.301). O romance leva a duvidar da eficácia de instrumentos tradicionais de captação da “realidade dos fatos”, tais como a observação atenta da cena aparente ou a dedução lógica.

Em relação à técnica narrativa utilizada por Rubem, observamos que, ao contrário de Carpentier, que fez uso do realismo maravilhoso para escrever seu romance, o autor brasileiro enveredou pelo caminho do hiper-realismo. Para Célia Pedrosa, a obra hiper-realista caracteriza-se, como na fotografia, pela distância afetiva em relação ao assunto tratado. Não se posiciona quanto a ele, apenas documenta sua existência. Instala-se no centro da realidade massificante de nossas cidades, e a encara com frieza, com ausência total de comentários:

A obra de Rubem Fonseca reproduz situações que os noticiários de jornal e o dia a dia da cidade grande nos ensinam a ver como banais: assassinatos, agressões, orgias. E situações presentes na vida de qualquer um: o amor e o sexo, a morte e o trabalho. Mas, friamente apresentadas, sem nenhuma análise ou explicação, desalojadas de seu lugar natural onde a rotina acaba por fazê-las passar despercebidas, essas situações despertam estranheza (PEDROSA, 1977, p.114). É importante assinalar que a técnica hiper-realista, acentuando através na linguagem os aspectos brutais da realidade até o paroxismo, vai além da técnica realista, onde o crime ou um ato de violência merece um tratamento aproximativo. No romance hiper-realista, a frieza detalhista provoca no leitor, não o conformismo e a abstração, mas um mal-estar. O discurso de Rubem Fonseca instaura a diferença no cotidiano, fazendo parecer estranho àquilo que, pela força do hábito, encaramos como normal e, por isto, deixamos de ver. A esse fenômeno do despertar da diferença no que é rotineiramente familiar Freud (1974) denomina inquietante estranheza. Na obra de Rubem, o leitor se choca com as imagens que o narrador descreve:

Rafael subiu na cama e, sentando-se sobre as pernas das

moças, começou a cortar-lhes os pescoços em rápidos golpes horizontais. As garotas tremeram convulsivamente e gorgolejaram por alguns instantes, enquanto o sangue jorrava dos cortes fundos das suas gargantas sobre os travesseiros e os lençóis de cetim rosa (FONSECA, 2002, p.196).

Em “A grande Arte”, Rubem faz uso de uma linguagem seca, cortante e desagradável para retratar a degeneração, o mundo violento dos sociopatas, o tédio individual, a impotência e os bloqueios sociais, a tal ponto estéril que se pode falar em sua obra de um novo “mal-do-século”. Sente-se claramente em seu romance o desencanto, um traço que cultiva a morbidez, a neurastenia, as perversões e a morte. Do ponto de vista técnico, o romance insiste na descrição sórdida das perversões, e de um esquema dramático que aponta para a crise social. Seu discurso é direto, sua narrativa urbana é centrada em sinais incontestáveis de uma modernidade que toca e fere.

Para retratar essa modernidade, Rubem Fonseca retoma o gênero policial, atraindo o leitor, mas ao mesmo tempo o desconstrói, questionando as convenções do gênero. De acordo com Muniz Sodré (1978), em “Teoria da Literatura de Massa”, a narrativa policial clássica (na forma inglesa) repousa sobre tramas convencionais, em que o cerne da ação é o assassinato.

Geralmente o assassino é um único indivíduo que, além de ser descoberto pelo detetive, deve ser descoberto pelo leitor. A força propulsora da trama e do interesse do leitor é o confronto entre a argúcia analítica do detetive e a astúcia do criminoso; o assassino tudo faz para encobrir seus rastros e o suspense se mantém até que se apresente a prova da culpa. As tramas são abstratas e racionais, sendo que se pode afirmar ser esse o auge da racionalidade burguesa – com sua maquinaria, sua ciência neutra, objetiva, e a reificação das relações humanas refletidas na literatura.

Outra característica da narrativa policial clássica está em sua principal função ideológica: a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como o “de fora”, um alien, um ser estranho à razão natural da ordem social, a narrativa policial faz parte dessa pedagogia do poder que, através da diferenciação dos ilegalismos, constitui e define a delinquência. No entanto, lendo o romance “A grande Arte” tem-se a impressão de que Rubem Fonseca compactua com a realidade que friamente descreve. Essa impressão é associada à forma como o autor se apropria de alguns elementos da cultura de massa para construir sua literatura.

Célia Pedrosa observa elementos da narrativa tri-
vial na obra do autor: As estórias de sexo e violência, sem
nenhuma postura crítica aparente, se sucedem, no mesmo
nível de tantas chanchadas e tragédias superproduzidas pelo
cinema simplesmente de diversão e de objetivo comercial, no
mesmo nível da literatura de massa vendida em banca de jor-
nal (PEDROSA, 1977, p. 112).

Mas por trás dessa aparente alienação, constata-se
a existência de uma conotação crítica que subverte os esque-
matismos do romance policial clássico. A preocupação com os
problemas sociais e com o mundo da marginalidade que gera
misérias e crimes percorre páginas e mais páginas da literatura
de Rubem Fonseca. Essa preocupação social que ronda sua
ficção faz sua escrita ficar mais comprometida com o indivíduo
inserido numa sociedade que sustenta o submundo do crime,
submundo este composto por prostitutas, ladrões, delegados
inescrupulosos, industriais, políticos e financistas corruptos.

É possível tecer uma relação entre o roman noir, o
nouveau roman e a obra de Rubem Fonseca. O nouveau ro-
man representou uma tendência da literatura contemporânea
que recusou as convenções habituais do romance, acentu-
ando as técnicas de narrativa, como faz o próprio Rubem,
ao romper com a literatura brasileira tradicional. Já o roman
noir teve como característica a ficção em aventuras tor-
pes, especialmente as policiais, que ligam cenas de violên-
cia à pintura realista de uma sociedade sórdida, tratada de
modo contundente por Rubem Fonseca. À pergunta “o que
fazer?”, a típica personagem de Rubem Fonseca, espécie
de colagem dos cínicos policiais estadunidenses do roman
noir com os cétricos entediados do nouveau roman francês,
responderá devolvendo a questão à sociedade para que ela
mesma se represente e responda: nada ou “quase nada”.
Como afirma Luiz Lafetá:

A mola desencadeadora da violência, aquilo que
move as personagens, parece estar aquém (ou talvez além)
de qualquer busca de sentido: para esses parias da sociedade
brasileira o sentido acabou, e o vazio de suas vidas só pode ser
preenchido pelo ódio sangrento que, aliás, de tão rotinizado,
parece menos ódio que frieza psicótica (LAFETÁ, 2004, p.387).

Concluimos então que, na ficção do autor, o que
está encenado, portanto, é o vazio existencial de indivíduos
que, diante da impossibilidade de buscar a verdade, de levar
a sério as virtudes que a moral tradicional apregoa, transfor-

mam-se em figuras errantes e desconstrutoras; nostálgicos
amargurados que se movem de modo tortuoso num mundo
onde ecoa o discurso da falência das utopias. Diante da des-
crença nos valores seculares da sociedade, apenas a vio-
lência faz sentido no contraponto do desencanto inevitável.

2. As influências do Marquês!

Em entrevista concedida ao jornal argentino “Cla-
rín”, Rubem Fonseca fala da influência do Marquês de
Sade em sua obra:

Em meu romance intitulado “A grande Arte” encontram-se tra-
ços de Sade, como as relações entre sexualidade e perversão,
a teorização sobre o crime e o prazer de matar por parte do
criminoso, além da descrença nos ideais utópicos. Toda a lite-
ratura contemporânea, que tematiza a violência e estas ques-
tões mencionadas, algo deve a Sade (FONSECA, 1990, p.3).

Rubem Fonseca também destaca a coragem
do Marquês de dizer aquilo que não pode ser dito, de
pôr em prática atos considerados escandalosos, e de vi-
venciar atos sem medo do horror que estes causam:

A coragem a que me refiro é a do Sade, de dizer aquilo que nin-
guém quer dizer, de dizer aquilo que ninguém quer ouvir, que pas-
sou 27 anos de sua vida em asilos de loucos; Sade, que se man-
teve vivo duzentos anos não por seu estilo, mas por sua coragem.
Enfim, a coragem de recusar todos os prêmios ou, melhor ain-
da, a coragem de não querer merecer prêmios, e o pior de todos
os prêmios é a consagração em vida (FONSECA, 1997, p.111).

Os leitores de Sade e de Rubem se defrontam
então com narrativas cheias de ceticismo, horror e des-
crença, visto que encontram nelas o objetivo de desmas-
carar a hipocrisia social. “Vê-se então, que não é à-toa a
recorrência, na ficção de Rubem Fonseca, de menções
ao Marquês de Sade que fez da crueldade uma arma
contra a hipocrisia, contra as mentiras ‘generosas’ dos
homens de cultura, e, paradoxalmente, transformou-se
num militante da descrença” (FIGUEIREDO, 2004, p.152).

As personagens de Rubem Fonseca convivem
com a competição da sociedade capitalista, com a valoriza-
ção dos bens materiais, os abusos da burguesia, sobrevi-
vendo a contínuas derrotas, constatando que a esperança
morre diante do desencanto. Já em Sade as contradições

são patentes. Aristocrata, ele se indigna com a opressão a que o povo é submetido pela nobreza; entretanto, este mesmo povo lhe é estranho, não pertencendo a nenhuma das classes em que ele denuncia o antagonismo. Em “Sade contra o ser supremo” Philippe Sollers lembra que “os séculos e a terra são partilhados pelo crime e pela tirania; a liberdade e a virtude apenas repousaram um instante em certas partes do mundo” (SOLLERS, 2001).

Para Rubem Fonseca, o futuro parece não trazer qualquer esperança em relação ao destino do cidadão urbano. Num momento de abertura política, a representação do Brasil daqueles anos em “A grande Arte” exprime o desdobramento da compreensão de uma mudança drástica no cenário urbano, ocorrida com a substituição dos bicheiros e empreiteiros pelos traficantes de droga, no papel de principais agentes corruptores da máquina estatal. Os indicadores de uma economia de escalas exercida através de conglomerados, o crime organizado passando a operar com o comércio das drogas, monopolizando-o: todos esses fatores estão presentes no romance revelando assim uma nova fase do capitalismo brasileiro, marcada pela ilegalidade e pela corrupção.

3. Entre o descaso e a violência

Em uma misteriosa carta de Sade às vésperas de seu encarceramento pela justiça revolucionária, o Marquês professava seu desencanto com relação às Luzes, dizendo que ela nada mais foi do que uma preparação para as Trevas: “Pressinto uma maré de melancolia sofredora. Tudo isso, haverão de me dizer, será bom para o povo. Eu vos repito: se não se tentar nada logo será a catástrofe. Eu não me conformaria com isso jamais: eu teria vivido e sofrido por nada, derramado em vão minhas lágrimas de sangue sobre a perda de meus manuscritos na Bastilha? Vamos dar logo um basta à tirania dos republicanos!” (cf. SOLLERS, 2001).

Céticos quanto às questões políticas, os dois escritores procuram transmitir esta insatisfação em seus escritos. Duvidando, eles atravessaram as fronteiras de tempo e espaço. Sade, sendo visto como um descrente dos ideais da Revolução Francesa, e Rubem, como aquele que mapeia o legado de corrupção e de crimes cometidos por uma elite, o

que comprova sua descrença no sistema capitalista.

Sade criticou a política das Luzes, destruindo metodicamente todos os elementos que constituíam os temas centrais da construção iluminista. Ele antevia que por trás da propalada liberdade o crime e a tirania se impunham. Logo, segundo ele, era impossível afirmar a existência de liberdade e igualdade, do ideal proferido pelos republicanos, num mundo onde impera a tirania:

Que ideia de liberdade é essa dos republicanos que desabrocha dos desejos tirânicos? É impossível afirmar tal liberdade. Mas é também impossível afirmar a igualdade, pois cada um detém o mesmo direito naturalmente e o exercício desse direito se realiza na subjugação do outro (SADE, 1999, p.29).

Nesse sentido, sem liberdade e sendo impossível a igualdade se manifestar, a fraternidade seria apenas um fantasma inalcançável. Assim, o Marquês, ao denunciar a tirania dos republicanos, mostrou que o poder aniquilou os ideais iluministas, só restando violência e crime: “Ence-nam-se falsos movimentos de conspiração: fomentam-se e criam-se condições para que surjam: levantam-se os cadafalsos, o sangue corre. Tomai estes pobres girondinos. Soubestes que eles morrem cantando? Estranho quadro o da guilhotina ceifando, uma após outra estas vozes alegres”.

Com o fracasso dos ideais da Revolução Francesa, Sade só faz reiterar sua descrença nos princípios igualitários o que lembra Rubem quando professa que o homem está condenado a uma perpétua destruição. Diante deste quadro político desolador, pode-se dizer que, em suas diferentes manifestações, o homem com suas fraquezas e inseguranças perpetua uma busca inútil, mergulhado numa angústia existencial. “Suas personagens alimentam-se dos impasses vividos pelo homem contemporâneo, espelhando o paradoxo de um tempo que se nutre da desconstrução das utopias que sustentavam o sonho de transformação do mundo” (FIGUEIREDO, 2003, p.29).

A voz que Sade empresta a suas personagens libertinas coincide com a aguda consciência crítica desenvolvida por uma aristocracia flagrada no momento de sua queda. A perda de seus antigos privilégios libera-a, permitindo-lhe ocupar o lugar de crítica dos novos tempos de uma França revolucionária e republicana. O passado se

desagrega; o futuro não lhe oferece nenhuma esperança: resta a Sade o papel ácido do olhar debochado. Para ele, a revolução nada mais indica do que a passagem de mãos do usufruto das novas injustiças.

Em “A Grande Arte” pode-se reconhecer o negativismo de Rubem Fonseca quanto à rotina diária nas cidades grandes. O livro foi publicado quando a propaganda da ditadura militar ainda falava de milagre brasileiro, desenvolvimento econômico acelerado, ingresso do país no clube das potências internacionais, necessidade de fazer crescer o bolo da riqueza para depois dividi-lo com os pobres etc. Neste enfoque, a obra de Rubem funciona como verdadeiro contraponto às afirmações oficiais. Seu negativismo não apenas contestava a imagem da propaganda, como também descia a fundo na crítica à modernidade brasileira: “Estou escrevendo sobre pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afiam o arame farpado”, afirma o próprio autor.

À medida que as utopias se deterioram, o ceticismo aflora mais fortemente com o fim dos ideais iluministas e com a ascensão do sistema capitalista acirrando a desigualdade de classes. Diante da impossibilidade de realização das utopias iluministas, tanto na França quanto na América, a imagem de idealização do continente americano fica perdida para aqueles que sonharam aqui com o Eldorado:

No final do século XX, assistimos à inversão da ótica que prevalecia no momento da descoberta; o lugar da utopia não é mais a América, é a própria Europa. Atraídos pelas vantagens de viver no mundo da “utopia realizada”, cidadãos pressionados pelos problemas dos países pobres tentam entrar nas zonas privilegiadas. Esse movimento se dá, então, em direção contrária ao das grandes navegações dos séculos XV e XVI: emigrantes do Terceiro Mundo vão buscar o paraíso das civilizações avançadas, “perturbando a paz” dos que completaram seus projetos maiores e não têm porque dividir os benefícios com outros povos (FIGUEIREDO, 1994, p.121).

O que Rubem denuncia no Séc. XX, desacreditando no sistema capitalista, por ser ele o responsável pela corrupção e impunidade, Sade já antecipara no Séc. XVIII, contestando os ideais da Revolução francesa (Liberdade, Igualdade, Fraternidade), os excessos dos revolucionários e a ganância da elite aristocrática que, como diz Vera Figueiredo, nem sabe nem quer dividir suas riquezas.

4. Conclusão

Rubem Fonseca critica os efeitos nocivos do capital e a ilusão de felicidade na aquisição de bens de consumo. Esta felicidade é orquestrada de tal modo que o sentimento de privação pede sempre mais consumo, como meio de evitar a presença avassaladora das frustrações emocionais. “A multidão de especialistas em felicidade sexual, amorosa e química propaga e reforça na mídia o mito da salvação individual, num Brasil moderno, informatizado, neoliberalizado e com todos os problemas resolvidos, de antemão, pelas leis do mercado” (FREIRE COSTA, 2000, p.86).

Na verdade, o que nutre a escala consumista é indubitavelmente tanto a angústia existencial quanto o prazer associado às mudanças, o desejo de intensificar e [re]intensificar o cotidiano. Como Rubem discute em sua obra, o consumidor moderno deseja renovar sua vivência do tempo por meio das novidades que se oferecem como simulacros de uma felicidade vazia e passageira.

Assim, nesses tempos atuais, quando examinar perversões com os olhos protegidos pelas lentes do ceticismo é ser moderno, vale ouvir o eco de Cervantes, e atentar aos destemperos de um louco. Talvez nesse discurso, à primeira vista mais desencontrado (ou mesmo anacrônico e reacionário, como querem alguns), é que esteja a Idade do Ouro, a que já foi e a que virá. Por mais que a Idade de Ferro nos caia sobre os ombros, com suas guerras preventivas e bombardeios cirúrgicos, editados na TV em imagens de videogame, e depois com suas crises sistêmicas, aversão ao risco provocando iliquidez e recrudescimento às condições anteriores ao boom econômico, gerado à custa de infundável papelório sem lastro, podemos repetir com Sancho: Yo no creo en utopías, pero que las hay, hay.

5. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor L.W. Educação após Auschwitz. In: Theodor ADORNO. Palavras e Sinais. (Tradução, notas e glossário de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls). Petrópolis (RJ): Vozes, 1995, p.104-123.

CARPENTIER, Alejo. O Século das Luzes. (Tradução de Stella Leonardos). 2ed. São Paulo: Global, 1985.

- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Os Crimes do Texto. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Da Profecia ao Labirinto. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FONSECA, Rubem. A Grande Arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FONSECA, Rubem. E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FONSECA, Rubem. Entrevista concedida ao jornal Clarín, em agosto de 1990.
- FREIRE COSTA, Jurandir. O Desafio Ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- FREUD, Sigmund. Os Instintos e Suas Vicissitudes. ESB. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. A Ficção cética. São Paulo: Annablume, 2004.
- LAFETÁ, João Luiz. A Dimensão da Noite. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MUNIZ SODRÉ. Teoria da Literatura de Massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- NUNES, Rachel Fátima dos Santos. Vestígios de Sade. Tese de Doutorado pelo Departamento de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação da professora doutora Celia Pedrosa. Niterói, 2006.
- NUNES, Rachel Fátima dos Santos. O Rabo do Rato – Literatura e Indústria Cultural. Dissertação de Mestrado pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação do professor doutor Gustavo Bernardo Krause, Rio de Janeiro, 2001.
- NUNES, Rachel Fátima dos Santos. O rabo do rato – Literatura e Indústria Cultural. Revista Palimpsesto, ano 1, n.º 1, março de 1999, p. 107-134. ISSN 1809-3507
- PEDROSA, Célia. O discurso hiper-realista na obra de Rubem Fonseca e André Gide. Dissertação de Mestrado pelo Departamento de Letras da PUC-RIO. Rio de Janeiro, 1977.
- SADE, Donatien Alphonse François de. A Filosofia na Alcova. (Tradução de Contardo Calligaris, a partir do original italiano). São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SOLLERS, Philippe. Sade contra o ser Supremo. (Tradução de Luciano Vieira Machado). São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

MARKETING PARA A SUSTENTABILIDADE: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Eliane Penha Mergulhão Dias , Ana Maria Pereira¹, Katsuji Watanabe
Júnior¹

¹FATEC São José dos Campos (Prof. Jessen Vidal)

Av. Cesare Mansueto Giulio Lattes, S/Nº, São José dos Campos – SP

elianemergulhao@terra.com.br

Resumo

Este artigo focaliza estratégias do marketing voltado à sustentabilidade como uma proposta para a educação de modo geral e especificamente à formação universitária. A exposição teórica dos autores elencados sustenta uma percepção da necessidade e da urgência na mudança do pensamento insustentável desenvolvido através de tantos anos no planeta Terra. Em face de tal realidade, propomos direcionar ao ensino universitário a massificação da informação, que hoje é a forma mais eficiente de modificar pensamentos e costumes, e pela qual se consegue de modo rápido influenciar simultaneamente um alto número de pessoas. Com o objetivo de verificar de que modo estratégias de marketing para a sustentabilidade poderão ser aplicadas à educação superior, provocando mudança dos hábitos insustentáveis, busca-se analisar as várias linhas de pensamento que tanto indicam os erros cometidos quanto apontam para novos rumos na sustentabilidade do Planeta. As conclusões do artigo levam a crer que o uso da Mídia em toda a sua diversidade pode vir a ser um grande aliado na educação para uma vida sustentável.

Palavras-chave: Educação superior; Marketing na educação; Sustentabilidade.

Abstract

This article focuses on marketing strategies aimed at sustainability as a proposal for education generally and specifically to university education. The theoretical exposition of the authors listed maintains a sense of necessity and urgency in changing unsustainable thinking developed through many years on planet Earth. In the face of this reality, we propose to direct the overcrowding of university education information, which today is the most efficient way to modify thoughts and habits, and by which they can quickly influence both a high number of people. Aiming to ascertain how marketing strategies for sustainability can be applied to higher education, leading change unsustainable habits, we try to analyze the various lines of thought that indicate both the mistakes as point to new directions in sustainable planet. The findings of the paper suggest that the use of media in all its diversity can become a great ally in education for sustainable living.

Keywords: Higher Education; Marketing Education; Sustainability.

1. Introdução

“Com a eclosão das novas tecnologias da informação, da cultura digital, das possibilidades da comunicação compartilhada e das culturas das periferias, no quadro da ação política rizomática, improvisada, anônima e enxameada defendida por Deleuze, Guattari, Rolnik, Negri e outros, o intelectual configura-se hoje como mediático, condição na qual está dissolvido o monopólio discursivo da intelligentsia, já foi dito, num pluralismo mediático: em certo sentido, desdobra-se no intelectual operador recentemente proposto por Marcus Vinicius Faustini, ou seja, aquele que em vez de produzir grandes discursos de síntese de ação, dispara ações.” (OURIQUES, 2009, p.81).

Esta declaração em epígrafe do professor Evandro Vieira Ouriques delinea com precisão o escopo do artigo pelo fato de que a proposta a ser apresentada por este estudo leva em conta os modos de atuação de intelectuais e artistas que, com seu trabalho, lançam as ideias que promovem as mudanças no mundo.

Como todos sabem, hoje, o campus universitário atingiu um alto grau de relevância no cenário nacional brasileiro e pode-se constatar que isso decorre da certeza de a sociedade estar passando por um momento de fortes e profundas mudanças. Os índices de degradação do planeta e os níveis de insustentabilidade, no mesmo nível do avanço das tecnologias da informação, estão chegando ao limite do tolerável. No entanto, nunca antes se viveu uma revolução tão ampla nos campos de conhecimento e da aplicação das ciências e tecnologias. O mundo está vivendo o que de mais avançado se criou até hoje em termos científicos e tecnológicos, mas vive também situações de graves conflitos por conta das diferenças culturais e ideológicas.

Thompson, um estudioso das comunicações e da ideologia, tem como um dos objetivos elaborar uma teoria diferente da relação entre ideologia e meios de comunicação, pelo fato de que o conceito de “Ideologia” vem sendo empregado de maneira difusa e desconexa, fazendo com que a própria expressão tenha perdido sua força teórica dentro do terreno de análise crítica da Modernidade. Thompson defende que devemos elaborar um referencial teórico que nos possibilite compreender as características distintivas dos meios de comunicação e o curso específico de seu desenvolvimento.

(THOMPSON, 1999)

Trazendo o foco para nossa realidade, uma pesquisa feita pelo IBGE mostra que nos dias de hoje um Adulto permanece em frente à TV em média de 15 a 20 horas por semana. Se os processos de valorização das informações e imagens recebidas se instalam na mente humana, causando recepção ou repúdio de acordo como foi representada/apresentada ao receptor, pode-se afirmar que atualmente ocorre um forte movimento de influência da Mídia na mente das pessoas. Algumas dessas influências têm valor econômico e são passíveis de compra e venda; outras têm valor simbólico e são aplicadas à vida de quem as recebe da forma como as recebeu e percebeu, e que esta informação, absorvida pela mente, tornada ideia, passa a fazer parte do seu conjunto de crenças, de sua ideologia.

(THOMPSON, 1999)

Nesse sentido, Thompson chama de impacto interativo dos meios técnicos a maneira como os veículos de comunicação podem interferir e transformar a sociedade. A sociedade atual é globalizada e não mais está restrita ao conhecimento local. Uma pequena comunidade que, mesmo distante dos grandes centros urbanos, esteja ligada em rede, sofre influência cultural através dos meios de comunicação. Desse modo, a comunicação de massa torna possível um processo de influenciar simultaneamente pessoas em lugares diversos e distantes.

O ideal é que os meios de comunicação de massa sejam, cada vez mais, utilizados para proliferar ideias de sustentabilidade de forma discreta sem que isto seja apresentado como uma aula cansativa ao ouvinte. Usando este meio para difundir o pensamento sustentável a seus receptores iniciais, preconiza-se que estes apliquem tal aprendizado em sua rotina, e sem, contudo, levantar a bandeira ideológica do “corretamente sustentável”, apenas com hábitos saudáveis, possam influenciar com boas práticas seus familiares, seus vizinhos e o mundo a sua volta.

No caso da proposta apresentada neste estudo, isto seria aplicado diretamente em forma de ações de marketing educativo em peças de interação mediática que, partindo do campus para a comunidade, e sendo exibidas em forma de comunicação massiva, elas teriam mais poder de penetração e seriam grandes aliadas na educação ambiental e de sustentabilidade para a população em geral.

2. Mídia e Modernidade

“Apesar da distância que separa nossos mundos, há um traço social de fundamental importância que nos une a ele.”

(John B. THOMPSON, 1998)

A palavra Mídia usada hoje, no Brasil, que tem origem no Latim e significa média, meio(ou ainda aquilo que é mediano ou ainda aquilo que medeia), é sinônimo de meios de comunicação, e também de todo o conjunto de pessoas que aí trabalham. Assim, tem-se em nossa cultura uma palavra polissêmica, mas com um significado até certo modo ambíguo. A Mídia tornou-se uma instituição de enorme importância na sociedade atual, na América Latina em geral, mas especialmente no Brasil. No livro “A Mídia e a Modernidade”, Thompson (1998) incita reflexões sobre o caminho da mídia através dos tempos. Adverte que transformações irreversíveis tiveram início na segunda metade do séc. XV, à época da expansão territorial europeia através das grandes navegações mercantis, e se expandiram desde então em todos os sentidos e direções. As técnicas de impressão proporcionadas pelos tipos móveis do invento de Gutenberg (1439), rapidamente se espalharam pelos centros urbanos da Europa e, a partir do séc. XVI, elas fazem surgir periódicos regulares, compondo um cenário social que já começa a demonstrar confiança nas publicações. (THOMPSON, 1998)

Pode-se afirmar que sem Johannes Gutenberg (1398-1468) e seus tipos móveis que possibilitaram a impressão de milhares de jornais e livros, nem a cultura nem a comunicação de massa de hoje seriam possíveis do modo como estão formatadas; e este fato nos impede de imaginar como seria o perfil cultural e científico do Ocidente. Como afirma Marshall McLuhan, somos os filhos da cultura livresca que, sem prescindir do livro, caminha a passos largos para a cultura da interação, das imagens mediatizadas.

Para Thompson há três modelos de comunicação e interação: o “face a face”, o “mediático” e o “quase mediático”; mas é ao mediático que se pode atribuir toda essa transformação causada pela informatização, telefonia móvel e uso da Internet, a rede de alcance mundial (World Wide Web). As redes sociais são, hoje, exemplo efetivo de mudança de hábitos em curto lapso espaço temporal. Elas dão voz e visibilidade àqueles que as utilizam para propagar pensamentos e ideias, i.e., ideologias. Assim, seus

usuários põem-se em exposto no contato com tais pensamentos. Como a comunicação é uma via de mão dupla o emissor pode ser afetado de forma positiva ou não, mas o receptor sai do ostracismo ao usar as facilidades desta ferramenta da modernidade para ter voz.

(THOMPSON, 1998)

Desde o final da Idade Média até nossos dias, muitas organizações têm se dedicado a inovações técnicas que possibilitam a produção e a difusão da informação. A comunicação hoje é global, e problemas de uma pequena cidade podem ser publicados e assistidos no mundo inteiro através da Internet. Um simples namoro de adolescentes pode virar caso de polícia se uma das partes quebrar o pacto de sigilo e publicar na rede imagens de gestos e intimidades que, quando foram praticados, eram de foro íntimo, entendidos como cenas de afeto. Ao serem expostos se vulgarizarem, podem causar constrangimento à parte que não autorizou a exibição de sua imagem.

Ao conceituar comunicação de massa, portanto, Thompson afirma que este é um termo com sentido enganoso, pois o que importa na comunicação não é a quantidade de pessoas atingidas no raio de transmissão e sim a pluralidade de perfis dos destinatários que irão receber a informação. Outro aspecto que também causa engano, segundo o autor, é quando se entende como homogênea a “massa” formadora de um público pensado como passivo. Nesse sentido, deve-se atentar para o fato de que a sociedade é heterogênea e receptiva e, como tal, seleciona o que quer ver segundo seu potencial cultural e ideológico. (THOMPSON, 1998)

Usar a mídia a favor da educação para a sustentabilidade é, hoje, uma forma rápida e prática da qual se pode lançar mão para tentar um resgate cultural e ideológico em prol da melhoria de vida, indo no sentido da conscientização do ser humano como cidadão responsável, pois no modelo de vida atual não resta muito tempo para a humanidade neste mundo que já está bastante degradado.

Noticiar práticas ilegais, como é comum de se ver na TV, hoje, serve de mau exemplo; portanto, o ideal seria noticiar o que seja de real interesse para a boa formação dos indivíduos. Não se sugere aqui que os inescrupulosos e suas práticas sejam ignorados, mas que se dê maior ênfase aos que fazem seu trabalho com decência e responsa-

bilidade, pois estes, que são poucos, não são conhecidos pela maioria dos cidadãos. (MIRANDA, 2007).

O poder simbólico – atuante através da situação econômica e política – de modo coercitivo só é perigoso ao ser imposto por quem tem poder econômico e que se mantém de modo insustentável e predatório. Do mesmo modo, outras formas de poder são empregadas contra a humanidade, contra o mundo e a favor do capital, de posse da porção dominante da sociedade. Aqueles que estão no vértice da pirâmide são os que determinam o que a massa vai consumir e como se comportar; por isso, devemos seguir lutando com a educação e a ética, pois sem tais recursos a “massa” não se mantém no rumo da sustentabilidade. Percebe-se aqui que a Mídia pode contribuir para o que podemos fazer de melhor por nós e pelo coletivo. Influenciar de forma sutil o interesse público sem ir de encontro aos poderes dominantes é um primeiro grande passo a ser dado. A interação vai ser operada por meio de um receptor e se propagar mesmo para os que não forem receptores diretos, mas repassando e tornando comum tudo aquilo que for bom. E a comunicação mediada (televisão, internet em redes sociais, livros, cultura popular) é a ferramenta que torna isso possível. Principalmente a TV.

Fechando este item, vale deixar aqui um exemplo – embora negativo – de como as imagens veiculadas influenciam comportamentos, sendo o nascedouro de novas ideias. Não faz muito tempo um jovem norte-americano entrou armado em um cinema e atirou e esmo, ferindo e matando várias pessoas. Depois que o jovem foi identificado e preso, outros vários casos semelhantes têm sido repetidos; mesmo que outras tragédias tenham sido evitadas, há uma imitação recorrente, como se pôde constatar pelo noticiário. A força de divulgação e de convencimento que tem a mídia televisiva é algo que deveria ser mais bem aproveitada na educação superior.

3. Sustentabilidade e Estilo de vida

“O estilo de vida de um indivíduo nasce da interação de três níveis de proximidade e de base em si mesmo: os valores e a personalidade, as atitudes e atividades que lhe são próprias e os comportamentos de consumo efetivos” (KARSAKLIAN, 2004, p.120).

Fritjof Capra, renomado físico e teórico da preservação do meio ambiente, afirma em seu livro “As Conexões Ocultas” (2002) que o conceito de sustentabilidade foi criado no começo da década de 1980, por Lester Brown, fundador do Instituto Worldwatch, definindo que «uma sociedade sustentável é capaz de satisfazer suas necessidades sem comprometer as chances de sobrevivência das gerações futuras».

O autor complementa ainda que, alguns anos depois, o “Relatório Brundtland” da Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento usou a mesma definição para apresentar a noção de desenvolvimento sustentável: “A humanidade tem a capacidade de alcançar o desenvolvimento sustentável – de atender às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem a suas próprias necessidades”. Nasceram assim as primeiras definições de sustentabilidade, esse novo conceito que surgiu em virtude da busca em se querer solucionar os problemas ocasionados pela exploração descontrolada dos recursos naturais, ao longo da história da humanidade.

Tornando-se cada vez mais evidente, a gravidade das consequências das explorações predatórias da natureza faz com que as pessoas, organizações e empresas estejam cada vez mais atentas a estas questões. Quando se aborda sustentabilidade, deve-se considerar a interdisciplinaridade do seu conceito.

A sustentabilidade abrange vários campos do conhecimento humano. A seguir, de acordo com Capra (2002) apresentamos uma amostra da variabilidade de funções que se podem aplicar ao conceito de sustentabilidade, de modo a atender à demanda da sociedade atual:

- 1) Sustentabilidade Social – melhoria da qualidade de vida das populações, equidade na distribuição de renda e de diminuição das diferenças sociais, com participação e organização popular;
- 2) Sustentabilidade Econômica – recursos públicos e privados, regularização do fluxo desses investimentos, compatibilidade entre padrões de produção e consumo, equilíbrio de balanço de pagamento, acesso à ciência e à tecnologia;
- 3) Sustentabilidade Ecológica – o uso dos recursos natu-

rais deve minimizar danos aos sistemas de sustentação da vida: redução dos resíduos tóxicos e da poluição, reciclagem de materiais e energia, conservação, tecnologias limpas e de maior eficiência, e regras para uma adequada proteção ambiental;

4) Sustentabilidade Cultural – respeito aos diferentes valores entre os povos e incentivo a processos de mudança que acolham as especificidades locais;

5) Sustentabilidade Espacial – equilíbrio entre o rural e o urbano, equilíbrio de migrações, desconcentração das metrópoles, adoção de práticas agrícolas mais inteligentes e não agressivas à saúde do homem, dos animais e do ambiente, manejo sustentado das florestas e industrialização descentralizada;

6) Sustentabilidade Política – no caso do Brasil, a evolução de uma Democracia representativa para sistemas descentralizados e participativos, construção de espaços públicos comunitários, maior autonomia dos governos locais e descentralização da gestão de recursos;

7) Sustentabilidade Ambiental – conservação geográfica, equilíbrio de ecossistemas, erradicação da pobreza e da exclusão à educação, respeito aos direitos humanos e integração social. Abarca todas as dimensões anteriores através de processos complexos.

Para construir uma sociedade sustentável para nossos filhos e para as gerações futuras, afirma Capra (2002, p.110), “temos de repensar desde a base uma boa parte das tecnologias e instituições sociais, de modo a conseguir transpor o enorme abismo que se abriu entre os projetos humanos e os sistemas ecologicamente sustentáveis da natureza”. Existem os que defendem a tecnologia como algo que não pode ser usado nem para o bem nem para o mal, mas há os que sabem que ela não é este algo neutro, pois ela sempre é usada para um fim e, como tal, sempre está influenciando a evolução do estilo de vida e de comportamento do homem contemporâneo.

4. Sustentabilidade Cultural: uma proposta educativa

“Nossa capacidade de formar imagens mentais e associá-las ao futuro não só nos permite identificar metas e objetivos e desenvolver estratégias e planos como também nos habilita a escolher entre diversas alternativas e, assim, formular valores e regras sociais de comportamento” (CAPRA, 2002, p.97).

O autoconhecimento e aceitação da realidade é o primeiro passo para a manutenção da cultura de cada localidade dentro de uma pluralidade de ações e conhecimentos, e a isso se pode nomear de sustentabilidade cultural. Se o indivíduo se conhece e se aceita como é, ele também aceita o outro e entende que pertencem ambos a uma mesma cultura. Se todos puderem compreender que aquilo que se faz ao outro se faz também a si, entende-se também que a diversidade tem que ser respeitada e as culturas diferentes, preservadas, pois através delas se escreve a história da evolução da humanidade. O que denominamos cultura é a soma, na linha do tempo, de toda a herança humana da qual somos herdeiros.

Indiferentemente do idioma falado ou da localidade em que se reside, todas as manifestações são culturais e fazem parte do processo da evolução humana. A não aceitação das diferenças, a agregação dos indivíduos em grupos fechados e a tendência à execração pública dos outros grupos são práticas insustentáveis que precisam ser contornadas; no entanto, por seu caráter histórico, é somente através da educação que a tolerância será percebida e praticada. (MIRANDA, 2007)

Portanto, para preservar a sustentabilidade social e a do meio ambiente – que juntas vão preservar a vida do homem no planeta – é que esta proposta foi delineada, levando em conta que os criadores são aquelas pessoas que “inventam” estratégias de resistência e de superação das dificuldades que a sociedade enfrenta em sua trajetória no mundo.

A ideia é simples de entender e de operar. Seria levada a cabo pelos alunos de cursos superiores num projeto transdisciplinar em que várias habilidades, talentos e conhecimentos possam ser agregados e somados, a fim de que os resultados sejam os mais ricos e proveitosos. Rádio, TV, Ilha de edição, Música, Artes visuais, Dança, Canto, teatro, Novela, Texto e Hipertexto, Internet, HQ,

Desenho animado, enfim, toda a sorte de recursos, combinados para formar peças de marketing educativo com mensagens de sustentabilidade. Tanto mostrando rapidamente as ações erradas – com alertas vermelho (símbolos de perigo, veneno, etc.) – para chamar atenção, quanto as ações sustentáveis, ecologicamente corretas, com a intenção mesma de reeducar as populações.

Tais ações fariam parte do currículo das universidades nos últimos períodos dos cursos superiores e profissionalizantes, de modo a que os alunos, ao produzirem em grupo esses trabalhos, tanto estariam cumprindo com um requisito parcial para o cumprimento dos trabalhos de conclusão de curso (TCC), quanto estariam colaborando com a educação de sua comunidade. As peças seriam veiculadas na TV local ou em mostras organizadas pelas próprias unidades de ensino superior (UES) e cumpririam com duplo propósito: estimular o potencial criativo e organizacional do formando e ainda servir de veículo educativo a sua comunidade.

5. Considerações finais

“Nossos valores e regras comportamentais são fenômenos sociais que advêm de redes criadas pela comunicação humana. É da dinâmica e da complexa interdependência desses processos que emerge o sistema integrado de valores, crenças e regras de conduta que associamos ao fenômeno da cultura” (CAPRA, 2002,p.97).

Amídia transforma, vale lembrar, de acordo com os interesses comerciais e financeiros de quem comunica; por isso, pode ser usada para educar e propagar um pensamento sustentável, caso haja interesse institucional em fazê-lo. Da mesma forma que serve aos interesses comerciais ela poderá ser usada de forma educacional. Não desviando o receptor para apenas as informações massivas, mas sim com práticas imperceptíveis, a princípio, que se tornariam hábito com o decorrer do tempo. Neste caso, as estratégias aqui propostas deveriam ser adotadas para que sua continuidade venha a tornar-se um modelo a ser seguido, imitado.

Saber aproveitar a globalização da comunicação e a mundialização dos negócios não apenas para ver

o lançamento do último vestido pelo costureiro da moda, mas mostrar que o costureiro não emprega crianças, não mantém o trabalhador em regime escravo, respeita a natureza e que produziu através dessas boas práticas um maravilhoso vestido. Isso seria apresentado de forma natural, sutil, como se isso já fosse uma prática comum. Fazer uma novela em que não sejam os maus hábitos enxergados como qualidades a serem seguidas, cujas personagens boas e corretas não sejam as feias e chatas de plantão, nem as tolinhas ou as beatas, que sempre terminam sozinhas lamentando-se. Tudo o que for apresentado deveria seguir um pensamento de respeito a si mesmo, ao receptor e ao planeta que precisa de nosso respeito. Mostrar personagens que recolhem sempre seu lixo na praia, que não jogam óleo na rede de esgotos, que não lavam calçadas com jatos d'água, que são educadas no trânsito. Se assim forem apresentadas, essas práticas naturalmente se tornam hábito de quem assiste à TV e certamente isso vai contagiar os que convivem com tais ideias.

A percepção de que é hora de mudar o modelo ultrapassado que utilizávamos para a permanência dos seres no planeta Terra está motivando os indivíduos mais conscientes a buscarem formas simples de gerar uma conscientização ampla sobre a urgência de mudar as atitudes insustentáveis com vistas a preservar o que nos resta. Assim, seguindo esse pensamento, as possibilidades apresentadas nesse artigo sugerem uma onda de boas práticas a serem apresentadas na TV, empregando-se a ferramenta que hoje cria a impressão de que qualquer local do planeta é próximo e atingível, ou seja, usando os meios massivos de comunicação. Através de todos os veículos que pertencem à máquina da comunicação, um mesmo pensamento deve ser implantado, de modo que leve o ser humano à obrigação de respeitar a si e a seus iguais. Hoje sabemos que todas as riquezas naturais são finitas e que elas podem acabar a qualquer momento, não apenas causando caos social como aniquilando toda a vida existente.

Há uma necessidade crucial de eliminar o desperdício e evitar o desrespeito, de conscientizar o maior número de pessoas e influenciá-las positivamente, e este é um trabalho que a mídia pode fazer sem ir contra as suas metas financeiras. Todos os canais de televisão são concessões do Governo, com poder de veto no mo-

mento em que entender que os responsáveis não estão cumprindo as regras propostas. Podemos, portanto, de dentro da universidade, propor e cobrar mudanças que acompanhem a necessidade de evolução do pensamento contemporâneo, e que essa mudança seja totalmente voltada para a sustentabilidade social e do meio ambiente.

6. Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. (tradução de Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: Cultrix, 2002.

KARSAKLIAN, Elaine. O Comportamento do Consumidor. 2ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MIRANDA, Roberta Meyer. A educação como principal notícia: uma análise do telejornal do Canal Futura. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Blumenau, 2007.

OURIQUES, Evandro Vieira. Território mental: o nó górdio da democracia. Revista Democracia Viva, n.º42, maio de 2009, p.76-81.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. (tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia Social da PUCRS). 3ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. (tradução de Wagner de Oliveira Brandão). Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

PSICANÁLISE DE CRIANÇAS: HISTÓRICO E REFLEXÕES ATUAIS

Maíra Bonafé Sei , Maria Fernanda Vasques Cintra¹

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Rodovia Celso Garcia Cid – BR 445 km 380 – Campus Universitário - Londrina/PR

mairabonafe@gmail.com

Resumo

O presente artigo almeja apresentar um histórico da Psicanálise de Crianças, com foco em autores clássicos da psicanálise inglesa e argentina. Trata-se de um estudo teórico que buscou revisitar a literatura básica sobre o tema, de maneira a apontar especificidades desta técnica e tecer reflexões sobre esta prática na atualidade. Espera-se, com este estudo, contribuir para o aprimoramento de profissionais que atuam em psicoterapia de crianças a partir do referencial psicanalítico.

Palavras-chaves: Psicanálise, Criança, Brincar.

Abstract

This paper aims to present a history of Child Psychoanalysis, with a focus on classical authors of psychoanalysis English and Argentine. This is a theoretical study that sought to revisit the basic literature on the subject, so the point of this specific technique and weaving thoughts on this practice today. It is hoped this study contribute to the improvement of professionals working in child psychotherapy from psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis, Child, Play.

1. Introdução

A Psicanálise configura-se como um campo de atuação que vem se construindo há mais de cem anos, desde que seu criador – Sigmund Freud – delineou suas primeiras ideias. Ao longo dos anos foi possível perceber um intenso desenvolvimento, com o surgimento de teorias que complementam os pressupostos iniciais, com abrangência da população que pode ser beneficiada por meio da Psicanálise.

Neste sentido, pode-se dizer que a Psicanálise de Crianças se configura como uma área que apresentou este desenvolvimento, com o público infantil podendo também ser contemplado por intervenções psicanalíticas das mais diversas ordens, desde a psicanálise com várias sessões semanais até as consultas terapêuticas propostas por D. W. Winnicott. Para tanto, foi necessária a realização de adaptações quanto à técnica empregada no atendimento de crianças, com oferta de novas linguagens para a comunicação no setting analítico tais como o brincar e o grafismo. Ademais, novos constructos teóricos têm sido constantemente esboçados.

A partir deste panorama inicial, objetiva-se, por meio deste trabalho, realizar um estudo teórico acerca da Psicanálise de Crianças, com foco nos autores clássicos da psicanálise inglesa e argentina, com inclusão do último grupo devido às influências por estes exercidas no contexto brasileiro. Serão englobados o histórico desta prática e suas principais correntes teóricas, além de se tecer reflexões acerca desta prática na atualidade. Almeja-se com esta revisão subsidiar interessados na área, primando por uma qualificação das práticas empreendidas na Psicanálise de Crianças, visto que esta se apresenta como um método distinto do trabalho com adultos. Neste sentido, pontua-se que o brincar ocupa um lugar de destaque, especificidade esta que será abordada ao longo do texto. Quanto à relação terapêutica, considera-se que no interior desta tem-se a criação de um espaço potencial no qual as duas pessoas – terapeuta e paciente – tenham a possibilidade de brincar juntas. Somente através da brincadeira, o paciente pode

desenvolver sua criatividade, visão desenvolvida a partir da teoria winnicottiana e retomada por outros autores (FELICE, 2003).

2. Histórico da Psicanálise de Crianças

Como exposto, a teoria psicanalítica se iniciou com Freud, a partir de métodos focados no adulto e posteriormente se deu o desenvolvimento no campo de análise de criança. Compreende-se que as descobertas de Freud sobre as crianças se deram por meio do atendimento de adultos, visto que a partir destes observou que as primeiras causas dos transtornos se localizavam em fatos da infância (ABERASTURY, 1996).

Após traçar o primeiro esquema de desenvolvimento, confirmou suas considerações após o atendimento de um menino de 5 anos por intermédio do pai, o famoso caso do pequeno Hans (FREUD, 1909/1996). Em função do relato verbal da criança ser menos amplo que o de adulto, dificultando a associação livre, passou a buscar meios que permitisse o acesso ao inconsciente (ABERASTURY, 1996).

Com base nas reações favoráveis a partir das interpretações feitas pelo pai do menino, o caso passou a indicar para Freud possibilidades e potencialidades do tratamento psicanalítico infantil. Com isso, considera-se que o caso do menino Hans proporcionou uma construção teórica de que eventos traumáticos infantis podiam gerar possíveis problemas emocionais futuros, já na fase adulta (COSTA, 2010).

Na história de Hans, muitas de suas interpretações referem-se a brincadeiras, sonhos e fantasias. Freud descreveu a essência do brincar como forma de colocar em movimento situações de angústia e vivências traumáticas. A criança não brinca apenas com aquilo que é prazeroso, mas também como uma estratégia para repetição de situações que consideradas dolorosas (ABERASTURY, 1996).

Mais tarde Freud reconhece que o tratamento feito em adultos deve ser feito de maneira distinta em crianças. É necessária uma série de adaptações na técnica, em função da constituição do mundo interno de cada um deles (AVELLAR, 2004). Assim, após os estudos de Freud por meio das anotações do pai de Hans, surgiram outras teóricas como Anna Freud e Melanie Klein que deram continuidade a estes

estudos, que possibilitaram o desenvolvimento posterior de uma técnica psicanalítica infantil.

Vale pontuar que a psicanalista Hermine von Hug-Hellmuth foi considerada a primeira pessoa a iniciar a análise sistemática de crianças na vertente psicanalítica, com participação nas “reuniões das quartas-feiras” realizadas por Freud, para estudos da Psicanálise. A partir de 1915, tempo antes de Anna Freud e Melanie Klein, tal profissional inicia seus atendimentos de crianças e adolescentes com base nos preceitos de Freud (AVELLAR, 2004).

Várias foram as contribuições feitas por Hermine von Hug-Hellmuth, dentre elas aponta-se como a mais importante a publicação do texto: Da técnica da análise de crianças, que traz questões como os meios para adquirir a confiança das crianças e a importância de evitar sugestões nos atendimentos. Neste sentido, compreende-se que a autora já se preocupava com o manejo do terapeuta nas sessões que, dependendo de como era realizado, poderia se mostrar intrusivo. Considerava tanto a transferência negativa como a positiva no trabalho clínico (AVELLAR, 2004).

Atentava-se muito para as primeiras sessões com a criança, pois considerava que este conteúdo comunicativo era demonstrativo da neurose infantil. Utilizava o brincar como instrumento clínico, sendo este de grande importância simbólica, contribuindo para a remoção de sintomas. Sua maior preocupação nos atendimentos era que não houvesse ações invasivas do terapeuta durante as interpretações feitas (AVELLAR, 2004).

Anna Freud entra em cena posteriormente, retomando muito das teorias de sua antecessora, como a impossibilidade de atender crianças muito pequenas e o caráter educativo e pedagógico dos atendimentos. Para Anna Freud a criança necessita de um tempo de análise para aceitar o tratamento assim como suas dificuldades (AVELLAR, 2004).

Anna Freud recomendava que o trabalho fosse feito por meio da transferência positiva, mas não acreditava na existência de uma neurose de transferência, em função da criança ainda estar na primeira edição dos objetos primários. De tal modo, tendo em vista que a neurose transferencial mostra-se como a existência de uma neurose artificial no vínculo terapêutico, não seria possível esta projeção para o analista a partir de objetos primários. No trabalho analítico, defendia a dissolução da transferência negativa, por não concordar em

interpretar a raiva do paciente.

Para esta autora, a tarefa analítica também daria ao analista o papel de educador. Em suas sessões, fazia uso da interpretação dos sonhos e desenhos, dando pouca ênfase à atividade lúdica e sua interpretação. O interesse central de Anna Freud era o ego e seu modo de funcionamento (AVELLAR, 2004).

Segundo Anna Freud, o jogo, como técnica complementar, esclarece os impulsos do id, mas não nos permite ver como funciona o ego. Desta forma, recorreu a métodos substitutivos que informam o funcionamento do ego por meio do exame de transformações de afeto.

Outra autora importante no campo da Psicanálise de Crianças é Melanie Klein que, em sua concepção teórica, entende tanto o papel da transferência positiva quanto da negativa no setting analítico, investigando sua fonte (o Édipo). No que concerne à técnica empregada, optava pelo uso do brinquedo como forma de acesso ao inconsciente da criança (AVELLAR, 2004).

Assim, por um lado Anna Freud seguiu os passos do pai e, como resultado, deixou apontamentos bem-estruturados sobre as demandas da criança, o posicionamento do analista e valor dos pais na análise. Por outro lado, o trabalho de Melanie Klein, ao compararmos com outras obras relativas à Psicanálise de Crianças, apresenta um impacto maior devido ao fato de ter introduzido novos conceitos (AVELLAR, 2004).

Melanie Klein interpretou de maneira mais profunda o material trazido pela criança, dando maior valor para o jogo. O princípio básico de sua técnica é o alívio da angústia e, deste modo, a possibilidade de analisar o ego da criança e a sua relação com a realidade (AVELLAR, 2004). De acordo com esta autora, a capacidade de transferência é espontânea e deve ser interpretada, tanto a positiva quanto a negativa, não devendo o psicanalista tomar papel de educador, pois as ansiedades da criança são muito grandes e a pressão a estas faz com que tomem compulsão à repetição.

A finalidade da análise é a gradual modificação da excessiva severidade do ego. Na análise diminui-se a divisão de objetos bons e maus, fazendo com que melhore as relações com o mundo externo. A transferência é o instrumento principal para reconhecer o que acontece na mente da criança.

As fundamentações teórico-técnicas de Anna Freud e Melanie Klein predominaram por alguns anos. Entretanto, com o passar do tempo nota-se uma grande influência das ideias de Donald Winnicott, pediatra e psicanalista que, por sua prática na Pediatria pôde acompanhar o desenvolvimento físico e emocional de muitas crianças (AVELLAR, 2004). A partir da observação das crianças e de seu crescimento, Winnicott acabou por enfatizar o jogo como elemento essencial no trabalho analítico. Na visão deste autor, além de interpretar, é também de grande importância a sustentação ofertada na relação terapêutica (AVELLAR, 2004).

Sua obra apresentou um caráter inovador sem se deixar distanciar dos preceitos psicanalíticos. Winnicott criticou alguns psicanalistas que se focavam mais no conteúdo da brincadeira do que em, simplesmente, olhar a criança brincando. O setting analítico tem uma grande função no processo, pois é neste ambiente que o paciente pode retomar sua criatividade com a emergência do gesto espontâneo. As intervenções devem abrir possibilidades para o paciente desenvolver suas experiências criativas. A atividade lúdica dá ao paciente possibilidade de se expressar livremente, assim o self se constitui e se fortalece (AVELLAR, 2004).

No contexto brasileiro, vê-se uma inserção da Psicanálise no campo da infância muito associado à área da Educação e, também, da Medicina. Assim, de acordo com Abrão (2009), a inserção da Psicanálise de crianças no país se deu por meio da utilização destas ideias no contexto educacional, para solucionar problemas escolares, ou com a utilização do modelo teórico para o tratamento de transtornos emocionais, em instituições voltadas à saúde mental, em sua maioria, relacionadas ao setor psiquiátrico. De forma geral, observa-se uma grande influência, em território nacional, das ideias de autores como M. Klein e D. Winnicott, ligados à psicanálise inglesa, além de contribuições de A. Aberastury e R. Soifer, autoras argentinas.

De acordo com Zimerman (2004), a Psicanálise de Crianças segue atualmente um caminho a partir do que foi transmitido pela escola kleiniana, porém com redução da prematura e sistemática interpretação transferencial dada por Klein. Além disso, tendência atual é dar maior ênfase ao acompanhamento dos pais juntamente com a escola, apontando para novos horizontes. Nesse sentido, este autor retoma as ideias de Anna Freud, com foco no contexto em que a

criança esta incluída e entendimento de que compete ao terapeuta ir além do conflito interno levando em consideração vários aspectos, como faltas, falhas, defeitos e privações, ou seja, fatores externos e internos adversos. (ZIMERMAN, 2004).

Compreende-se que a atenção integral à criança deve combinar a psicoterapia voltada para o insight somada à assistência relativa às dificuldades externas apresentadas pelo indivíduo. Portanto, reconhece-se que muitas crianças, além de sofrerem conflitos emocionais, possuem considerável carência de cuidados físicos e psicológicos, pois o meio externo não pode suprir determinadas necessidades (ZIMERMAN, 2004).

3.O brincar e a teoria winnicottiana

Uma das especificidades da Psicanálise de Crianças refere-se ao uso do brincar enquanto estratégia no setting analítico. Um dos instrumentos valiosos para a técnica na clínica infantil é a utilização da caixa de brinquedos, facilitando a interpretação, compreensão e elaboração no tratamento, sendo primeiramente utilizada por Arminda Aberastury. (BALEEIRO, 2007).

Quanto ao brincar em geral, Winnicott foi um psicanalista que discorreu largamente sobre o tema do brincar que serão brevemente mencionadas. Para este autor, o brincar não se mostra apenas como via de comunicação, mas também como meio de expressão do verdadeiro self. O brincar é visto como algo saudável e que está atrelado à saúde e ao viver saudável. Entende-se que a criança traz para a brincadeira fatos da sua realidade externa (REGHE-LIN, 2008). O brincar contribui para a constituição subjetiva da criança e toda atividade realizada neste período está ligada ao desenvolvimento físico e emocional, tendo o caráter de produção e processo (BALEEIRO, 2007).

De acordo com Winnicott (1971, citado por ZIMERMAN, 2001), o brincar é o portão de entrada para o inconsciente, sendo este essencialmente criativo e um meio que a criança e o analista encontram como acesso ao inconsciente. O faz-de-conta funciona como estímulo para elaborar a fase de transição das fantasias do mundo interno e subjetivo da criança para o mundo objetivo e externo, sendo muito importante para o desenvolvimento emocional infantil. O

aspecto sadio do brincar pode acompanhar o adulto a vida inteira.

Em relação à concepção do uso do brinquedo no setting analítico, para Melanie Klein este equivale à associação livre proposta para os adultos, e deve ser interpretado apenas em transferência positiva. Não se deve ter uma postura moral e educativa ao se trabalhar neste referencial, mas sim, por meio desta, compreender o que está acontecendo com a mente do paciente (WINNICOTT, 1975).

Desta forma, no jogo podem ser observadas a repetição das experiências da vida real e os detalhes da vida cotidiana, que aparecem entrelaçadas com fantasias. Entende-se que a linguagem simbólica configura-se como uma expressão arcaica semelhante a dos sonhos, de maneira que cada criança terá seus símbolos particulares. Na compreensão kleiniana, compreende-se que, a partir do brincar, ocorre a introjeção do seio bom, determinando modalidades de sublimação e reparação. O brincar integra aspectos dissociados, ajudando a discriminar mundo interno de externo, repara objetos danificados e modula a angústia (WINNICOTT, 1975).

Segundo Winnicott (1975), o brincar é uma forma básica de viver, universal e própria da saúde, que facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais. Surge no contexto da relação mãe-bebê, a qual segue uma sequência no processo de desenvolvimento, sendo uma forma primária de instinto e não uma forma de sublimação. Winnicott, em seus atendimentos, não fazia uso de uma caixa lúdica individual, com opção de ofertar brinquedos de maneira livre. Fazia poucas interpretações, apenas em momentos em que ocorria a transferência positiva, e acreditava que a criança chegava ao inconsciente por meio do brincar.

Enquanto adaptações da técnica, criou o Jogo do Rabisco, como estratégia de comunicação em entrevistas iniciais com a criança. No Jogo do Rabisco, dá-se uma folha de sulfite e pede-se para criança fazer um rabisco que será transformado em desenho pelo analista. Ao final da produção, são invertidos os papéis e aquele que iniciou finaliza, continuando-se este processo ao longo da sessão, de maneira que são produzidos aproximadamente 30 desenhos em uma hora de atendimento (WINNICOTT, 1984). Por meio desta atividade, paciente e analista se apresentam por meio do grafismo, estabelecendo um diálogo sobre as questões trazidas pela criança. Neste sentido, Winnicott indicou a existência de um

espaço potencial, onde se localizam o brincar, a arte, a cultura, aspectos relacionados tanto ao mundo interno quanto externo, necessário para a realização de uma intervenção como esta (AVELLAR, 2004).

O Jogo do Rabisco foi, então, muito utilizado enquanto técnica que favorecia o contato nas consultas terapêuticas em pediatria, podendo-se elencar três finalidades básicas: instrumento de diagnóstico, meio de facilitar a comunicação entre o terapeuta e a criança e funcionar como um recurso terapêutico. Winnicott, de acordo com Zimmerman (2001), dava a essa produção o mesmo valor simbólico que os sonhos representam como via de acesso ao inconsciente.

Acredita-se que o brincar, as atividades gráficas e outros meios de comunicação no caso da Psicanálise de Crianças são pertinentes enquanto instrumento de trabalho e devem ser considerados pelo terapeuta que se propõe a trabalhar com este público. O material lúdico promove a externalização de conteúdos internos, possibilitando e facilitando assim melhores resultados no atendimento infantil.

4. Para além do atendimento de crianças: a família no processo terapêutico

A técnica em Psicanálise de Crianças sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Desde o método clínico de Klein e seus seguidores, que acentuava a importância do trabalho exaustivo de interpretação em análise de crianças, visando à decodificação do significado da brincadeira desenvolvida na sessão analítica, encontramos modelos teóricos que ampliam essas concepções originais de acordo com casos específicos. Ainda dentro de um olhar para a criança e sem adentrar especificamente para o campo da psicoterapia familiar, há autores que discutem a importância da orientação de pais na psicoterapia de crianças (SEI, SOUZA e ARRUDA, 2008) ou que propõem a inserção de um familiar no atendimento da criança (FINKEL, 2009).

Neste sentido, pode-se mencionar o trabalho de Raquel Soifer (1982) que, apesar de ter sido apresentado há algumas décadas, ainda traz considerações pertinentes para a prática clínica de atendimento de crianças. Em sua visão, a criança adoece em função da falta de apoio dos pais em relação às necessidades psicológicas do filho. Isto ocorre, pois no passado não aperfeiçoaram tais habilidades no seu próprio

desenvolvimento, tornando maiores as chances de promover sintomas em seus filhos em função de suas vivências passadas.

Desde as primeiras entrevistas, com inserção da família como um todo, Soifer (1982) analisa a forma como os pais se aproximam e como o filho reage na presença destes, desde como se dirige aos brinquedos até sua relação com estes, além de observar quais os papéis determinados para cada membro familiar. Tem-se uma avaliação do processo terapêutico familiar, contemplando como se dão as relações familiares no ambiente em que a criança vive, a partir de relação entre os conhecimentos sobre psicologia evolutiva e a análise de atividades lúdicas durante na sessão (SOIFER, 1982).

O processo de análise com crianças não se limita apenas aos atendimentos terapêuticos por meio da atividade lúdica. Tem-se também uma intensa participação dos pais no processo, tendo em vista a terapia familiar como técnica de jogo. Esse tipo de terapia proposto pela autora tem como objetivo a entrevista com os pais quinzenalmente, com o intuito de deixá-los conscientes da enfermidade do filho, promover a interação conjugal frente aos conflitos da criança, transmitir a eles conhecimentos para lidarem com a situação da melhor maneira e como devem passar aos filhos a aprendizagem psicológica que em condições normais não conseguiram passar para estes (SOIFER, 1982).

As fases do desenvolvimento infantil são comparadas a momentos evolutivos, nos quais pode ocorrer a formação de algum tipo de sintoma. Acredita que distúrbios e sintomas resultantes dos primeiros meses de vida são advindos da própria dificuldade dos pais em relação a seus conflitos. Assim, a função da terapia familiar é permitir que os progenitores e os filhos elaborem as funções e vivências que necessitam. A psicologia evolutiva e a intervenção feita por meio da dinâmica terapêutica familiar são processos que levarão em consideração o impacto entre pré-verbal e verbal, busca de conflitos familiares que desencadearam determinado sintoma na criança. Objetiva-se modificar sintomas e conflitos tanto na criança como nos pais, assim como a superação da parada evolutiva da fase de desenvolvimento em que o paciente se encontra e resolução de vínculos patológicos.

Apesar de seu foco na criança e seu desenvolvimento, Soifer (1982) compreende que nem sempre a indicação é para a realização do atendimento individual da criança. Pode-

se também indicar um trabalho especificamente com grupo familiar sem enfatizar o olhar para a criança trazida para o atendimento. Esta indicação é feita quando se percebe na avaliação inicial a existência da distorção das relações e comunicações familiares gerando uma enfermidade na criança. Esse trabalho poderá facilitar a diminuição dos mecanismos de defesa, resolução de conflitos em poucas entrevistas e maior aceitação do tratamento.

5. Psicanálise de Crianças na atualidade

A partir de uma consulta à literatura acadêmica acerca da Psicanálise de Crianças em língua portuguesa na atualidade, percebeu-se que poucos são os textos que discorrem sobre a técnica de forma geral, havendo uma grande quantidade de artigos e livros que abordam temas específicos tais como o abuso sexual e o autismo. Vários textos discorreram sobre o atendimento a crianças a partir da abordagem psicanalítica em situações em que a criança tinha vivenciado situações de abuso sexual (BOARATI, SEI e ARRUDA, 2009; JUNQUEIRA, 2002). Outros discutiam a clínica psicanalítica no caso de crianças com o diagnóstico de autismo e outros transtornos globais do desenvolvimento (ARAÚJO, 2004; MARQUES e ARRUDA, 2007; RODRIGUES, SEI e ARRUDA, no prelo).

Deakin e Nunes (2008) indicam que o campo da pesquisa em psicoterapia com crianças, a partir do referencial psicanalítico, deve ser mais aprofundado, com escassez de pesquisas na área. Acredita-se que este panorama pode contribuir para esta percepção de poucos textos acadêmicos recentes sobre a Psicanálise de Crianças publicados em português.

De forma geral, pode-se dizer que a influência dos autores clássicos apresentados neste artigo ainda é grande no Brasil. As ideias acerca do desenvolvimento emocional e dos fenômenos presentes no setting muitas vezes se mantêm, com algumas ampliações, ajustes, desenvolvimentos. Contudo, modificações técnicas foram efetuadas para adaptação aos contextos nos quais os atendimentos são realizados, tais como ambulatórios públicos, que demandam adequação ao espaço físico disponível e tempo para realização do processo analítico (AGUIRRE e ARRUDA, 2006; SOUZA, SEI e ARRUDA, 2010; TELLES, SEI e ARRUDA, 2010).

6. Considerações Finais

A partir da revisão realizada, pôde-se apresentar este percurso histórico para o tratamento psicanalítico infantil, com indicação acerca das ideias de alguns dos principais autores que contribuíram para a técnica da Psicanálise de Crianças. Neste sentido, abordou-se obra e concepções de autores como Melanie Klein, Donald Winnicott, Raquel Soifer e somados a textos atuais que discutem a teoria do brincar, seu valor na análise infantil e práticas empreendidas neste campo. Defende-se que, apesar destes autores terem exposto ideias há muitas décadas atrás, ainda exercem grandes influências, embasando variadas práticas na atualidade.

7. Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- ABRÃO, J. L. F. As origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 3, p. 423-432, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a02.pdf>. Data de acesso: 25/Fev/2013
- AGUIRRE, S. B. e ARRUDA, S. L. S. Psicoterapia lúdica de uma criança com AIDS. *Estudos de Psicologia*, v. 23, n. 3, 229-37, 2006.
- ARAÚJO, C. A. S. A perspectiva winnicottiana sobre o autismo no caso de Vitor. *Psyche*, v. VIII, n. 13, p. 43-60, 2004.
- AVELLAR, L. Z. *Jogando na Análise de Crianças: Intervir-Interpretar na Abordagem Winnicottiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BALEEIRO, M. C. *Brincar: aquém e além do carretel. Cógito*, v. 8, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100003&script=sci_arttext&tlng=es. Data de acesso: 25/Fev/2007.
- BOARATI, M. C. B., SEI, M. B. e ARRUDA, S. L. S. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, v. 19, n. 3, p. 426-434, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v19n3/08.pdf>. Data de acesso: 14/Fev/2013.
- COSTA, T. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DEAKIN, E. K. e NUNES, M. L. T. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 30, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n1s0/v30n1a03s0.pdf>. Data de acesso: 14/Fev/2013.
- Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v29n1/v29n1a16.pdf>. Data de acesso: 14/Fev/2013.
- FELICE, E. M. O lugar do brincar na Psicanálise de Crianças. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 5, n. 1, p. 71-79, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872003000100006&script=sci_arttext&tlng=en. Data de acesso: 25/Fev/2013.
- FINKEL, L. A. O lugar da mãe na psicoterapia da criança: uma experiência de atendimento psicológico na saúde pública. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 29, n.1, p. 190-203, 2009.
- FREUD, S. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JUNQUEIRA, M. F.P. L. Violência e abuso infantil: Uma proposta clínica. *Cadernos de Psicanálise*, v. 18, n. 21, p. 209-226, 2002. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=353510&indexSearch=ID>. Data de acesso: 25/Fev/2013.
- MARQUES, C. F. F. C., e ARRUDA, S. L. S. Autismo infantil e vínculo terapêutico. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2007.
- REGHELIN, M. M. O uso da caixa de brinquedos na clínica psicanalítica de crianças. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, n. 8, p. 167-179, 2008. Disponível em:

<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo172.pdf>. Data de acesso: 25/Fev/2013.

RODRIGUES, F. P. H., SEI, M. B. e ARRUDA, S. L. S. Ludoterapia de Criança com Síndrome de Asperger: Estudo de Caso. Paideia (no prelo).

SEI, M. B., SOUZA, C. G. P. e ARRUDA, S. L. S. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. Vínculo, v. 5, n. 2, p. 194-205, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v5n2/v5n2a09.pdf>. Data de acesso: 14/Fev/2013.

SOIFER, R. Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, C. P. G., SEI, M. B. e ARRUDA, S. L. S. Reflexões sobre a relação mãe-filho e doenças psicossomáticas: um estudo teórico-clínico sobre psoríase infantil. Boletim de Psicologia, v. LX, n. 132, p. 45-59, 2010.

TELLES, J. C. C. P., SEI, M. B. e ARRUDA, S. L. S. Comunicação silenciosa mãe-bebê na visão winnicottiana: reflexões teórico-clínicas. Aletheia, v. 33, p. 109-122, 2010.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WINNICOTT, D. W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, D. E. Manual de Técnica Psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIMERMAN, D. E. Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DROIDCONTROLE: SISTEMA DE AUTOMAÇÃO WIRELESS VIA BLUETOOTH USANDO A PLATAFORMA ANDROID

Francisco de Assis de Freitas Gomes¹ Alex Torquato Carneiro¹

Universidade Ibirapuera

Av. Interlagos, 1329 – São Paulo – SP

chicoassis2000@ig.com.br

Resumo

Este artigo descreve a arquitetura de um sistema de Automação o que tem como foco principal o acionamento de cargas elétricas e o monitoramento de sensores de temperatura e infravermelho, usando um Tablet como Interface de Usuário. O ambiente de desenvolvimento usa tecnologias como Programação o com a Plataforma Android, Linguagens de Programação JAVA e C e um micro controlador da família PIC, que fará parte do hardware periférico, o qual é controlado via Bluetooth.

Palavras-chave: Android, Sensores, Automação, Microcontrolador, Programação, IDE.

Abstract

This paper aims to describe the architecture of an automation system mainly designed to drive electric charges and monitor temperature and infrared sensors, using a Tablet as user interface. The development environment uses technologies like programming for the Android platform, JAVA and C Programming Language besides a PIC microcontroller, which is part of the peripheral hardware, controlled via Bluetooth.

Keywords: Android, sensors, automation, Programming.

1. Introdução

A Automação está presente no cotidiano do ser humano e traz grandes benefícios aos lares, indústrias, comércio e meio ambiente e representa um conjunto de tecnologias aplicadas a um determinado contexto, visando aumentar a produtividade, a qualidade e o conforto nos processos que envolvem situações que englobem determinadas áreas, tais como Automação Industrial, Residencial ou Comercial. Alguns exemplos que podem ser citados são: abertura e fechamento automático de portão, monitoramento de temperatura em ambientes controlados, preenchimento automático de cheques e monitoramento de gases poluentes. Esses são alguns exemplos que fazem parte do dia-a-dia do ser humano e que trazem segurança, comodidade, conforto e qualidade de vida.

Diante de todo o cenário descrito, o presente artigo aborda e demonstra conceitos tecnológicos empregados na materialização de um projeto que tem a interatividade como ponto fundamental em sua estrutura. Trata-se de um sistema que tem como finalidade fazer o acionamento de cargas elétricas, representadas por lâmpadas incandescentes e fazer a monitoração da atuação de um sensor de temperatura e de um sensor infravermelho. A interatividade é realizada através de comunicação wireless, via Bluetooth, onde um Tablet que utiliza a plataforma Android comunica-se com um hardware periférico, o qual terá como componente principal um microcontrolador da família PIC (PIC18F45K22).

A este hardware estão conectados os sensores e as cargas descritas anteriormente, os quais são acionados e monitorados. Uma parte do sistema é desenvolvida no ambiente Android, onde a base é a linguagem de programação JAVA em conjunto com a linguagem de formatação XML (eXtensible Markup Language), que é a responsável pela geração das telas que são apresentadas no Tablet e a partir destas telas o usuário tem controle de todo o sistema, acionando as lâmpadas incandescentes e lendo os alarmes gerados pelos sensores, tudo através da tela touchscreen do Tablet. Um painel elétrico montado com as lâmpadas e os sensores exibe o resultado da interação existente entre o usuário e o hardware periférico. Espera-se que este resultado esteja em conformidade com todos os requisitos apresentados pelo sistema.

Este artigo está dividido na seguinte ordem:

Seção 2 – Mostra conceitos teóricos das tecnologias envolvidas no projeto, Seção 3 – Apresenta as especificações e técnicas das tecnologias (software) e componentes (hardware) usados no projeto, Seção 4 – Mostra a arquitetura e funcionamento geral do projeto, Seção 5 – Mostra através de um painel elétrico, os resultados obtidos e Seção 6 – A conclusão do projeto é mostrada.

2. Materiais e Conceitos teóricos

Este artigo agrega tecnologias ligadas a área de programação, comunicação wireless e a componentes eletrônicos, todos interagindo para gerar como resultado um sistema de automação, o qual tem um Tablet como transmissor e receptor de comandos para um hardware periférico onde este aciona cargas elétricas e envia respostas lidas de sensores, de volta para o Tablet. Nesta seção, o conceito teórico de todas as partes que compõem em o projeto é descrito.

2.1. Sistema Operacional para Dispositivos Móveis

Dispositivos Móveis são produtos eletrônicos que integram diversas funcionalidades, tais como acesso a Internet, Multimídia (áudio, vídeo, imagem), armazenamento de arquivos, GPS, Redes Sociais, acesso a ambientes em Nuvem, Bluetooth, mensagens de texto, funções de telefonia, etc. Tudo isto integrado em apenas um dispositivo.

Para que todas essas funcionalidades sejam gerenciadas existem Sistemas Operacionais Móveis responsáveis pela funcionalidade do dispositivo. Assim como os PCs usam sistemas operacionais para gerenciar funções e recursos disponíveis, os dispositivos móveis também usam sistemas operacionais desenvolvidos especificamente para seu gerenciamento [Lee 2011].

2.2. Linguagens de Programação

Em um computador são executados diversos tipos de processamentos, tais como cálculos matemáticos, consultas e atualizações em entidades de Banco de Dados, gerenciamento de sistemas de cadastro, entre tantos outros tipos de processamento. Dentro deste contexto, existem as Lin-

linguagens de Programação, que representam regras sintáticas e semânticas dispostas em um texto contendo instruções que serão processadas pelo computador. O referido texto é chamado de código fonte e é ele o responsável pela execução de todos os processamentos citados anteriormente. Existem vários tipos de Linguagens de Programação, cada uma delas voltada para um determinado tipo de ambiente (WEB, Desktop, Plataformas Móveis, etc). As linguagens de Programação podem ser classificadas em duas formas: Alto Nível, onde o código fonte é desenvolvido para o entendimento humano e passa por uma etapa de compilação, para que seja processada pelo computador e Baixo Nível, onde o código fonte é compilado, gerando um resultado que é processado em nível de máquina [Schildt 2010].

2.3. Ambientes de Desenvolvimento Integrado (IDE)

Quando se desenvolve um sistema usando uma Linguagem de Programação, por uma questão de produtividade é necessário que se trabalhe em um ambiente que agrupe todos os recursos necessários para que se produza o projeto de forma rápida e eficaz. As IDEs, Integrated Development Environment, ou Ambiente Integrado de Desenvolvimento, são ferramentas que proporcionam para o desenvolvedor vários tipos de recursos, que estão integrados de tal forma a facilitar todo o processo de programação. Recursos como Editor de Código, Compilador, Bibliotecas, Plugins, Suporte a várias Linguagens de Programação, Modelagem de Dados, Depuração, entre tantos outros, fazem parte da IDE e são necessários para que se aplique uma técnica chamada RAD, Rapid Application Development ou Desenvolvimento Rápido de Aplicativos, que tem como foco principal dar maior produtividade ao desenvolvedor [Alves 2006].

2.4. Microcontrolador

O Microcontrolador é um circuito integrado eletrônico programável, que possui internamente hardware necessário para processamento de dados de entrada e de saída, os quais são responsáveis por acionamento de circuitos elétricos e eletrônicos externos, bem como o monitoramento de informações de entrada, como as provenientes de sensores de temperatura, de proximidade, de humidade, etc. O pro-

cesso de aumento na capacidade de integração de componentes possibilitou aos fabricantes de Microcontroladores inserirem uma quantidade imensa de diferentes hardwares no mesmo, possibilitando todos os recursos necessários ao seu funcionamento, tais como memórias flash, interface de comunicação serial (RS232), conversores analógicos digitais, temporizadores, dispositivos de entrada/saída, contadores, geradores de PWM e registradores de uso geral. O campo de aplicação dos microcontroladores é bastante extenso, indo desde simples acionamentos de circuitos eletrônicos, como o LED (Diodo Emissor de Luz), por exemplo, até sistemas de controle residencial, controle comercial e controle industrial [Nicolosi 2005] [MICROCHIP 2012].

2.5. Sensor

É um dispositivo de natureza elétrica ou eletrônica que ao receber um sinal externo responde com um sinal que ele próprio gera e que serve, ao ser captado pelo circuito de controle, para monitoramento de uma determinada situação. Os sensores são classificados de acordo com o tipo de sinal que recebem. Como exemplos, podem-se citar sensores de temperatura, que ao captar um aumento ou uma diminuição nesta grandeza, gera sinais de tensão elétrica de acordo com o valor da temperatura e, sensores infravermelhos, que ao detectar a presença de algum corpo que interrompa a radiação gera um nível de tensão que aciona um determinado hardware, como por exemplo, contagem de objetos em uma esteira industrial. Ou seja, um sensor faz a medição de um determinado sinal (grandeza física) e gera níveis de tensão elétrica analógica, no caso do sensor de temperatura e níveis de tensão elétrica digital (alta ou baixa, que podem ser representadas por 5VDC ou 0VDC, respectivamente). Os sensores possuem diversas características, as quais definem seu comportamento. São elas: Sensibilidade, Linearidade, Resposta em Frequência, etc. Um sensor analógico é conectado aos pinos Conversores A/D do microcontrolador, ao passo que um sensor digital é conectado aos pinos de I/O, digitais, do microcontrolador [Boylestad 1999].

2.6. Atuador

Representa um dispositivo eletrônico que, quando energizado, produz internamente um movimento mecânico através de seus contatos. Desta forma um atuador converte energia elétrica em energia mecânica. São várias as aplicações dos atuadores na indústria. Uma delas é quando existe a necessidade da comutação de um ponto ao outro.

Isto acontece assim que ocorre a energização elétrica do atuador. O acionamento de uma máquina é um exemplo bem claro, ocorrendo a energização da mesma assim que o atuador for, também, energizado. Ou seja, um atuador em determinadas condições dentro de um projeto elétrico é considerado uma chave comutadora eletromecânica [Capuano 1988] [Markus 2004].

2.7. Antena de RF – Rádio Frequência

A RF, ou Rádio Frequência, significa uma determinada faixa de frequência que engloba os valores entre 3KHz a 300GHz, definindo então os valores compreendidos para a frequência das ondas de rádio. Um grande diferencial em relação as correntes contínua e alternada, que operam em baixas frequências, é que as ondas de rádio ionizam o ar, formando um meio físico não guiado, responsável pelo transporte das informações. As ondas de RF possuem características de frequência e comprimento de onda associados a ela. As ondas de RF precisam de um tipo dispositivo capaz de irradiá-las de um determinado ponto a outro. Neste outro ponto este mesmo tipo dispositivo é capaz de fazer a recepção das ondas de RF. Tal dispositivo é chamado Antena de RF e está conectada a um dispositivo transmissor, responsável pelo envio das informações e um dispositivo receptor, que capta as informações vindas do transmissor [Luiz 2009].

2.8. Dispositivos Móveis

No momento em que houve realmente a popularização da Internet, grandes avanços tecnológicos começaram a ser desenvolvidos e, com isto, grandes mudanças comportamentais do ser humano também aconteceram por conta deste desenvolvimento tecnológico. Estas mudanças estão associadas a forma de agir, de pensar, de se comunicar, de re-

alizar trabalhos que antes eram feitos de uma maneira não tão eficaz e também estão associadas a tantos outros fatores que mudaram consideravelmente atitudes e comportamentos, de uma forma geral. A partir deste nível de evolução, surge uma nova tecnologia de comunicação sem fio, chamada Wireless, que garante vários tipos de comunicação onde a ausência de cabeaço é o foco principal.

Com isto, foram desenvolvidos vários tipos de dispositivos móveis para interagir com esta nova tecnologia. Tais dispositivos como smartphones, tablets, entre outros, integram funcionalidades de telefonia, multimídia e localização (GPS) que permitem o seu uso dentro de um contexto de mobilidade.

3. Especificações Técnicas

Nesta seção são descritas as características elétricas dos componentes eletrônicos, bem como as versões e últimas atualizações das linguagens de programação JAVA e C e de suas respectivas IDEs utilizadas no desenvolvimento do sistema. As especificações técnicas são fundamentais para o estabelecimento de critérios aplicáveis ao funcionamento do projeto, pois elas mostram as características dos componentes, tanto de hardware quanto de software, necessárias para a construção do projeto.

3.1. Plataforma Android

O Android é um software de código aberto (open-source) criado pela Google, para ser utilizado em dispositivos móveis, como smartphones e tablets, por exemplo.

É um Sistema Operacional baseado no kernel Linux e foi criado, originalmente, pela Android Inc. até ser adquirido pela Google, em 2005. Totalmente focado para dispositivos móveis, o Android recebeu a adesão da OHA (Open Handset Alliance), que é um consórcio de empresas que se dedicam ao desenvolvimento de códigos abertos para dispositivos móveis e, além disso, oferecem o suporte necessário para manter o sucesso desta plataforma. Este Sistema Operacional teve início com a versão 1.5 (Cupcake), passando pelas versões 2.0, 2.2, 3.0, 4.0 e 4.1, esta última é a versão mais atual. Cada uma destas versões faz referência a sobremesas (Ice Cream Sandwich, Froio, Ginger Bread, Jellybeans).

Ao se criar uma aplicação para o Android, usando-se a linguagem de programação JAVA, é criada uma estrutura de pastas específicas para cada ação a ser desenvolvida.

O layout do aplicativo, em XML (eXtended Marked Language), fica alocado na pasta Layout, todas as mensagens utilizadas ficam alocadas na pasta String, os desenhos utilizados ficam alocados na pasta Drawable e assim por diante. Esta estrutura se estende com a criação de várias outras pastas, dedicadas ao armazenamento dos arquivos de programa e de referência, necessários para o desenvolvimento do aplicativo [Lee 2011].

3.2. Linguagem de Programação JAVA

Esta linguagem é estruturada com base no paradigma de Programação Orientada a Objetos (POO) e foi desenvolvida pela empresa Sun Microsystems, na década de 90.

Em contraposto a algumas linguagens de programação, JAVA é compilada e gera Bytecodes, executados por uma máquina virtual chamada JVM (JAVA Virtual Machine), que representa um sistema que carrega e executa aplicativos em JAVA, onde realiza a conversão desses Bytecodes e estes podem ser executados em qualquer ambiente de software (WINDOWS, LINUX, MAC OS) que tenham esta máquina virtual instalada.

Para que aplicações desenvolvidas em JAVA sejam executadas é necessário configurar um ambiente em que os mesmos possam ser executados. Para isto, existe a necessidade do JRE (JAVA Runtime Environment), que nada mais é que uma configuração formada pela máquina virtual e por bibliotecas e APIs necessárias a execução do aplicativo.

Esta configuração é imprescindível no computador para que aplicativos como jogos online, páginas da internet, visualizadores de imagens, entre outros, funcionem de forma adequada [Mattos 2007].

3.3. IDE Netbeans

O Netbeans é a IDE utilizada para desenvolvimento do projeto mostrado neste artigo.

É um sistema de código aberto e serve para ajudar os desenvolvedores na criação de projetos que usem diferentes tipos de tecnologias.

Neste projeto a tecnologia utilizada para desenvolvimento do lado do Servidor (Tablet) será JAVA. Com o Netbeans pode-se criar modelos de sistemas baseados em criação de design e posicionamento de componentes, para a montagem não só do layout principal, mas também dos demais layouts que fazem parte do sistema.

É um ambiente de desenvolvimento integrado que é utilizado em qualquer Sistema Operacional (LINUX, WINDOWS, MAC, SOLARIS) e possui desenvolvedores de todas as partes do mundo colaborando e documentando todas as modificações necessárias para que as melhorias nesta IDE estejam sempre ao alcance de outros desenvolvedores. Esta IDE proporciona suporte para a criação de sistemas que utilizam interfaces gráficas e também para criação de aplicações voltadas ao ambiente WEB e ao ambiente de Tablets e Smartphones. Os dados referentes a versão utilizada para o projeto mostrado neste artigo são mostrados a seguir. Versão do Produto: NetBeans IDE 7.0 (Build 201107282000); Versão do Produto: Netbeans IDE 7.0 (Build 201107282000); JAVA 1.7.0.05; Java HotSpot 64 Bit Server VM 23.1 b03; Sistema Windows 7 versão 6.1 executando em amd64 Cp1252.

3.4. Linguagem de Programação C

Esta linguagem foi desenvolvida entre os anos de 1969 e 1973, nos laboratórios da AT&T Bell. Foi criada, originalmente, para o implementar o desenvolvimento do sistema operacional UNIX. Este sistema foi o primeiro a ser implementado em uma linguagem de programação que não fosse o Assembly. Em 1978, os criadores da Linguagem C, Dennis Ritchie e Brian Kernighan publicaram o livro The C Programming Language, que durante algum tempo, serviu como especificação, não formal, para esta linguagem. Durante a década de 70, o C substituiu o Basic, que era a linguagem mais utilizada para programação de computadores. Ao longo do tempo, as implementações realizadas nesta linguagem foram aproximando-a um pouco mais dos recursos de hardware do computador, pois fornecia acesso a memória, através de estruturas de Ponteiros e acesso de baixo nível através da inclusão de código Assembly dentro de programas escritos em C [Schildt 2010].

Este artigo mostra um projeto de automação, onde existe a comunicação entre um Tablet e um hardware exter-

no, e este tem como seu principal componente o Micro-controlador PIC18F45K22, programado em Linguagem C. Este programa carregado no microcontrolador é responsável por toda a troca de informações com o Tablet e realizará todos os processos de acionamento de cargas elétricas, quanto aquisição de dados dos sensores de temperatura e infravermelho.

3.5. IDE Mikro C Compiler

O Compilador MikroC for PIC é responsável por todo o desenvolvimento e gravação do programa Cliente no microcontrolador usado neste projeto: PIC18F45K22. Possui uma IDE bastante intuitiva, rápida em seus processamentos para geração do código a ser gravado no microcontrolador e bastante rica em recursos oferecidos aos desenvolvedores de programas em Linguagem C, para este tipo de componente eletrônico. Micro-controladores com barramentos de 8 e 16 bits podem ser programados através desta IDE e a mesma possui uma série de bibliotecas disponíveis para uso no desenvolvimento de 6 projetos das mais diversas áreas, como programação wireless (wi-fi e bluetooth) e USB, por exemplo.

Este compilador é disponibilizado pela empresa Mikroelektronika, responsável pela distribuição deste software em suas versões para 8 e 16 bits, dependendo do microcontrolador da família PIC a ser utilizado. O site oficial da empresa é <http://www.mikroe.com/>.

Provê diversos benefícios ao desenvolvedor, principalmente no tocante a facilidade de elaboração do programa e no desempenho do código gerado, pois consegue gerar o código compilado com tamanho reduzido. Devido a existência de diversas bibliotecas integradas, facilita a rapidez de desenvolvimento. Tais bibliotecas agregam funções matemáticas, funções para manipulação de displays gráficos, funções de comunicação serial, etc. A versão 4.6 deste compilador foi usada no desenvolvimento do programa gravado no PIC-18F45K22 [MIKROELEKTRONIKA 2012].

3.6. Microcontrolador PIC18F45K22

É um componente eletrônico com características bem definidas quando se trata de projetos que envolvam automação industrial ou comercial. Possui áreas de memória que armazenam os programas desenvolvidos, após o processo de compilação e grava-

ção. Existem vários hardwares integrados a este componente, para que o mesmo execute funções de acordo com a sua programação, que pode ser feita em Assembly ou uma linguagem de alto nível, como a Linguagem C. Alguns destes hardwares estão descritos abaixo: Timers, Conversores A/D (Analogico/Digital), Watch Dog, Portas de I/O, Memória de Programa, Comunicação Serial, PWM, entre outros. Um fato interessante neste componente é a sua arquitetura RISC (Reduced Instruction Set Computer), a qual, como diz o próprio nome, utiliza um conjunto de instruções reduzido e trabalha com dois barramentos independentes para o tratamento de dados e programa, diferentemente da arquitetura usada na Máquina de Von Newman, que processava todas as informações (escrita e leitura) em apenas um barramento. Percebe-se que a arquitetura RISC é mais rápida.

Algumas de suas especificações técnicas importantes são mostradas adiante.

É importante ressaltar que todas as características deste componente devem ser rigorosamente obedecidas, durante a fase de desenvolvimento do hardware, pois o correto funcionamento deste componente depende disto. Os dados a seguir foram extraídos do datasheet do PIC18F45K22, o qual pode ser acessado através do site do fabricante deste componente, para as devidas orientações para desenvolvimento do hardware (ww1.microchip.com/downloads/en/DeviceDoc/41412F.pdf). Vide a seguir: - Resolução do Conversor A/D de 10 bits, Circuito Oscilador Interno de 16MHz, tensão de operação entre 2.3V a 5.5V, suporte a comunicação RS232, memória Flash de 32KB, até 35 pinos de I/O, encapsulamento 40-Pin PDIP, 14 canais A/D (AN0...AN13), três Controladores de Interrupção externa (IE0, IE1, IE2), etc [MICROCHIP 2012].

3.7. Sensor de Temperatura LM35

Fabricado pela National Semiconductor, uma das grandes características deste sensor de temperatura é a sua precisão em fornecer valores de temperatura, em graus Celsius, através de seu pino de saída. Faz parte do hardware periférico deste projeto, onde atua na captação de temperaturas e as exibe no Tablet.

Este componente não necessita de qualquer tipo de calibração para gerar valores de temperatura de forma bastante precisa.

Em sua forma mais utilizada em projetos encontra-se no encapsulamento plástico do tipo TO-92, conforme mos-

trado nas figura 1b (<http://singularidadegenerica.blogspot.com.br/2011/05/sistema-avancado-de-controle.html> (Último acesso: 17/11/2012) e na figura 1a, o desenho de sua pinagem (http://arduino-ce.blogspot.com.br/2011/01/01_archive.html, Último acesso: 17/11/2012). O site do fabricante do Sensor LM35 (www.national.com) mostra o datasheet deste componente. Algumas especificações técnicas foram extraídas deste datasheet e são mostradas abaixo:

Faixa de operação: entre -55 graus Celsius e 150 graus Celsius, corrente elétrica de dreno menor que $60\mu\text{A}$, fornece 10mV/ grau Celsius em sua saída (V_{out}), tensão de operação entre 4V e 30V (neste projeto é 5V , etc).

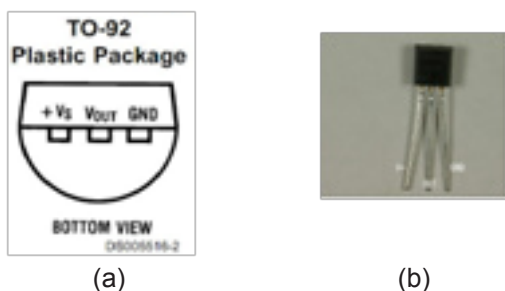


Figura 1. Sensor de Temperatura LM35

3.8. Sensor Infravermelho

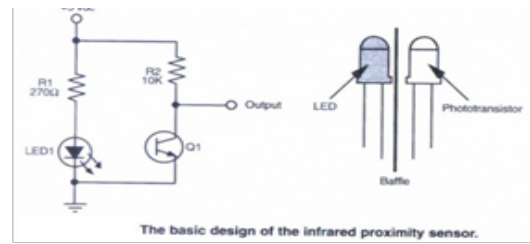
Estes sensores fazem parte do hardware periférico e têm como finalidade sinalizar, através do Tablet, caso alguma interrupção no feixe infravermelho ocorra.

O circuito elétrico mostrado na figura 2a, extraída do link <http://www.eletronica.com/sensor-de-proximidade-bem-simples/> (Último acesso: 17/11/2012), tem o sensor TIL32 (LED) transmitindo luz ininterruptamente, enquanto o TIL78 (Q1) representa o receptor, captando a luz que está sendo emitida.

Cada sensor tem suas características próprias. A figura 2b foi extraída do link a seguir: <http://newportcom.com.br/catalogsearch/result/index/?dir=asc&mode=list&order=relevance&q=diodo> (Último acesso: 17/11/2012).



Figura 2. Sensor Infravermelho



(a)

Figura 2. Sensor Infravermelho

A seguir, algumas especificações técnicas para os sensores TIL32 e TIL78. O ponto "Output" da figura acima deverá ser conectado a um dos pinos configurados como saída digital, do microcontrolador. Especificações:- TIL32: Fabricante: Texas Instruments (www.ti.com/), potência de saída = 0.5mW , corrente elétrica de operação = 20mA , encapsulamento TO-18.

- TIL78: Fabricante: Texas Instruments (www.ti.com/), tensão de operação = 5V , corrente elétrica quando iluminado = 1mA , corrente elétrica sem iluminação = 25nA , encapsulamento TO-18.

Vale ressaltar que o circuito do sensor Infravermelho é representado pelo Diodo emissor de luz Infravermelho (TIL32) e pelo fototransistor (TIL78), responsável pela captação das irradiações transmitidas pelo Diodo.

3.9. Relé Metaltex ML2R C-5V

Este projeto apresenta uma etapa de acionamento de cargas elétricas, representadas por lâmpadas incandescentes, onde o acionamento das mesmas é realizado através de contatos de relés eletromecânicos. O papel principal deste componente é servir como atuador, pois vai acionar cargas que consomem um valor um pouco mais alto de corrente elétrica, valor este que não pode ser suprido pelo microcontrolador. O relé usado no projeto é fabricado pela empresa Metaltex (site: <http://www.metaltex.com.br/index.asp>) e possui características mecânicas e elétricas ideais para sua utilização.

A figura 3 (<http://www.metaltex.com.br/downloads/ML.pdf>) mostra o formato físico deste componente. Algumas de suas principais especificações técnicas, extraídas do catálogo geral da Metaltex, são mostradas a seguir:

- Tensão Nominal de operação = 5VCC, corrente elétrica de comutação (máxima) = 2A, máxima tensão contínua = 10VCC, tensão elétrica de operação (bobina) = 3.75VCC, tensão elétrica de desoperação (bobina) = 0.5VCC, consumo nominal (bobina) = 200mW, resistência da bobina = 125 Ohms.



Figura 3. Relé MLR2 C-5V

3.10. Módulo EasyBluetooth

Este módulo consiste de um hardware composto por alguns componentes eletrônicos (resistores, capacitores e transistores) e tem como componente principal uma antena transmissora/receptora.

Este módulo foi desenvolvido pela empresa Mikroelektronika (Site: www.mikroe.com/) e a mesma disponibiliza o manual com as especificações técnicas deste módulo através do link <http://www.mikroe.com/add-on-boards/communication/> (Último acesso: 18/11/2012).

A figura 4, extraída do link anterior, mostra a estrutura física do módulo EasyBluetooth.

Este módulo está preparado para ser conectado as linhas de comunicação serial RS232 do microcontrolador, encaminhando os dados que capta, via bluetooth para estas linhas seriais (tx/rx).

É conectado ao Port C do microcontrolador PIC-18F45K22 e a tensão de alimentação para funcionamento do módulo pode ser configurada em 3.3V ou 5V, através de straps. É um módulo Bluetooth Classe 2 (alcance de 10m, potência máxima permitida 2.5 mW, 4 dBm).

Configurações adicionais devem ser feitas no Módulo EasyBluetooth, para que o mesmo funcione adequadamente. Uma chave principal composta por várias micro-chaves deve estar configurada conforme o manual deste módulo [MIKROELEKTRONIKA 2012].

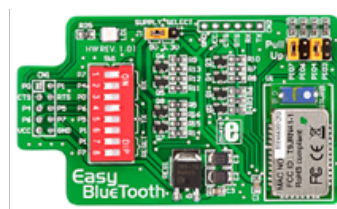


Figura 4. Módulo EasyBluetooth

3.11. API de Comunicação Bluetooth

A transmissão de dados a curta distância é uma das características do Bluetooth. Esta tecnologia é uma alternativa quando se pretende transmitir e receber dados a distâncias que estão no intervalo de até 10m (Classe 2), normalmente. O estabelecimento de uma comunicação Bluetooth envolve uma série de configurações necessárias para que isto ocorra e a API Bluetooth é a responsável por tudo isto.

Ela encontra-se no pacote `android.bluetooth` e tem neste pacote suas principais classes, que são: `BluetoothAdapter`, `BluetoothDevice` e `BluetoothSocket`.

A classe `BluetoothAdapter` é responsável por todo o processo de conexão e localização de aparelhos que estejam no raio de alcance. A classe `BluetoothDevice` representa o dispositivo Bluetooth e é através dela que obtemos o tipo do dispositivo (Smartphone ou Tablet ou Fone de Ouvido), o nome amigável do aparelho, o MAC Address, etc. E, por fim, a classe `BluetoothSocket`, que aguarda que uma conexão seja estabelecida e a partir deste momento uma instância desta classe é criada, retornando os objetos `InputStream` e `OutputStream`, responsáveis pela leitura e escrita de informações, respectivamente, pelo canal formado durante o estabelecimento desta conexão.

Dentro de uma aplicação, existem permissões que são definidas para que as mesmas possam utilizar os recursos de Bluetooth. Estas permissões são declaradas em um arquivo chamado `AndroidManifest.xml` e possuem o seguinte formato: `android.permission`.

`BLUETOOTH` e `android.permission.BLUETOOTH_ADMIN`. Para que a aplicação seja conectada ao hardware externo se faz necessário que tanto o lado Cliente quanto o lado Servidor estejam devidamente configurados, pois cada lado terá um comportamento diferente para o estabelecimento da conexão. O Cliente e o Servidor (hardware externo) têm um canal de comunicação estabelecido quan-

do estão parelhados, previamente. A partir deste momento, a troca de informações entre os dispositivos Cliente e Servidor está pronta para ser executada [SIG 2012].

4. Arquitetura proposta e funcionamento do projeto

Esta seção descreve o diagrama em blocos do projeto, bem como o detalhamento de cada parte que compõe este diagrama. As várias etapas são descritas e, além dos softwares envolvidos, o circuito elétrico (hardware) necessário ao funcionamento geral de toda a arquitetura.

Tendo em vista que este projeto trata-se de um misto de desenvolvimento de hardware e software, as considerações iniciais feitas, principalmente na Seção 3 (Especificações Técnicas), foram fundamentais para o entendimento de toda a estrutura.

4.1. Arquitetura do projeto

A base deste projeto é o Sistema Operacional para Dispositivos Móveis, o Android, atuando em conjunto com a tecnologia Bluetooth para acionamento de um Hardware Periférico composto por cargas elétricas, representadas por lâmpadas incandescentes e também o monitoramento de temperatura e de invasão de perímetro, representados pelos sensores de temperatura LM35 e infravermelho TIL32/TIL78, respectivamente.

O usuário tem em mãos um Tablet que comanda todo o acionamento das cargas externas e também recebe informações provenientes dos referidos sensores. A figura 5 exemplifica o que está descrito.

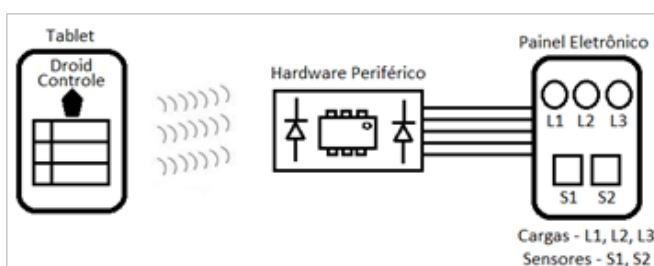


Figura 5. Diagrama em Blocos

O Hardware Periférico tem como seu principal componente o microcontrolador PIC18F45K22, o qual é programado em Linguagem C e através desta progra-

mação torna-se parte fundamental em todo processo de acionamento e monitoramento, pois possui internamente recursos de hardware, já descritos anteriormente, que o permite utilizar seus recursos de hardware internos, necessários ao funcionamento do projeto.

Os protocolos responsáveis por esta interatividade estão definidos dentro do microcontrolador, devidamente desenvolvido em linguagem C e dentro do aplicativo desenvolvido em JAVA, que está instalado no Tablet.

O projeto eletrônico completo do Hardware Periférico é mostrado na figura 6, a seguir. Como pode-se perceber, os dois sensores (Temperatura e Infravermelho) estão conectados aos pinos referentes ao Conversor A/D (AN0 e AN1) do microcontrolador PIC18F45K22. As Cargas elétricas, representadas por L1, L2 e L3, têm seus respectivos circuitos conectados as saídas do Port B (RB5, RB6 e RB7).

O responsável pela troca de informações entre o Tablet e o Hardware Periférico é o Módulo Bluetooth, conectado ao canal de comunicação Serial (RS232, pinos TX e RX). Este módulo captura tudo que é enviado pelo Tablet e envia para o canal serial, onde este interpreta os dados e faz os devidos acionamentos ou monitoramentos [Miyadaira 2009].

4.2. Aplicativo do projeto

Toda estrutura de hardware mostrada anteriormente tem como suporte para seu correto funcionamento, linguagens de programação que tornam possível toda a troca de informação para que os acionamentos e monitoramentos sejam executados de forma correta.

O aplicativo desenvolvido para rodar no Tablet, o DroidControle, foi elaborado na plataforma Android, usando linguagem JAVA no ambiente de desenvolvimento Netbeans. Um aplicativo Android, ao ser criado, gera uma estrutura de pastas onde são armazenados determinados arquivos responsáveis pelo funcionamento deste aplicativo. Como exemplos, a pasta "Drawable", que armazena todas as figuras usadas dentro da aplicação e a pasta "resource", que armazena os arquivos XML (Extended Marked Language, ou seja,

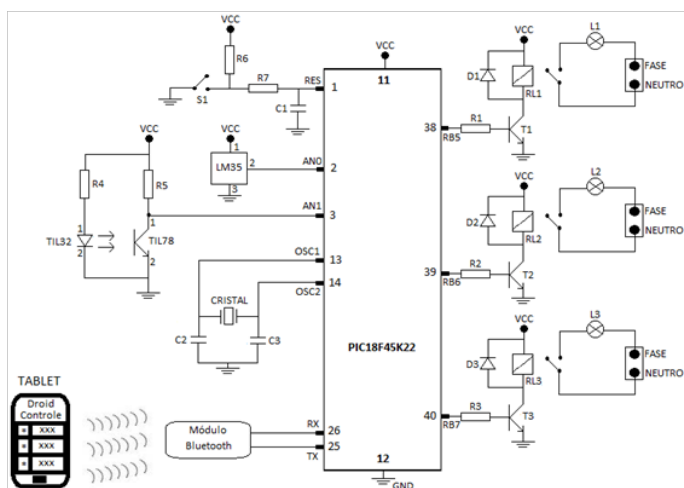


Figura 6. Hardware Periférico

Linguagem de Marcação Extendida), responsáveis pela elaboração das telas (layouts) usadas no aplicativo. O Hardware Periférico tem como seu componente principal o micro-controlador PIC18F45K22, o qual é programado em linguagem C, usando para isto o ambiente de programação do Compilador MikroC Pro for PIC, que é o compilador responsável por toda a elaboração e gravação do programa no microcontrolador. O programa desenvolvido em C é o responsável por receber as solicitações de acionamento, vindas do aplicativo DroidControle e enviar ao Tablet as leituras captadas pelos sensores de temperatura e infravermelho.

5. Resultados

Nesta etapa é mostrado o resultado obtido a partir de toda a estrutura criada na seção anterior.

Um cenário contendo todas as telas principais do software de controle e monitoramento e como é realizado todo o processo de interação Tablet e hardware periférico. A figura 7 mostra a tela inicial do aplicativo Droid Controle, onde são exibidos 3 (três) botões, com funcionalidades distintas (Automação, Relatório e Sobre). As telas a seguir fazem parte do aplicativo principal (DroidControle), instalado no Tablet.

Pressionando o botão "Automação", a tela correspondente a este botão é aberta e exibe uma série de botões, responsáveis pelo acionamento das cargas elétricas

(L1, L2 e L3) e pelo monitoramento dos sensores (Temperatura e Infravermelho), conforme mostra a figura 8a.

Um painel eletrônico exibe a montagem de um hardware formado por 3 (três) lâmpadas incandescentes, 2 sensores (Temperatura e Infravermelho), um módulo de controle (PIC18F45K22) e um módulo Bluetooth.

Todos estes componentes dão sustentação ao cenário apresentado até o momento, pois os resultados deste projeto são apresentados através da atuação dos mesmos. Pressionando o botão "Relatório", é exibida uma tela contendo uma listagem com informações (listview) de data e hora das ocorrências de cada evento referente ao monitoramento dos sensores de Temperatura e infravermelho,



Figura 7. Tela Principal do DROIDCONTROLE

conforme mostra a figura 8b. O armazenamento e consequente exibição dos eventos gerados pelos sensores só é possível devido ao fato da utilização do Banco de Dados nativo do Android, o SQLite. Por último, ao pressionar o botão "Sobre", uma tela com informações gerais sobre o aplicativo é exibida, conforme mostra a figura 8c.



(a)

Figura 8. Telas Secundárias do DROIDCONTROLE



(c)

Figura 8. Telas Secundárias do DROIDCONTROLE



(b)

Figura 8. Telas Secundárias do DROIDCONTROLE

6. Conclusão

O uso da tecnologia Bluetooth vem ganhando espaço a cada dia, pois é responsável por trazer ao ser humano benefícios que vão desde sistemas residenciais e industriais automatizados, até o monitoramento e aquisição de dados proveniente de sensores. A união das tecnologias Android e Bluetooth permite que tudo isto seja possível. A capacitação e a sensibilidade dos desenvolvedores devem estar sempre a postos para permitir que os usuários em geral usufruam de todos os benefícios que um projeto deste tipo possa trazer. Este artigo demonstra a possibilidade de automação e aquisição de dados em diversos processos, sejam residenciais ou industriais. A expectativa para este projeto é, futuramente, implementar um sistema de aquisição onde todos os dados e eventos de acionamento de cargas e as informações captadas pelos sensores sejam armazenados em um banco de dados nativo da própria plataforma Android, o SQLite. Estas informações armazenadas irão produzir relatórios para análise e tomada de decisão.

Portanto, o desenvolvimento de projetos de automação e aquisição de dados através de sistemas wireless via Bluetooth, permite que seja possível a interatividade de

diversos dispositivos como Tablets, Smartphones com hardwares periféricos, o que representa uma forte tendência no desenvolvimento de projetos com este tipo de tecnologia sem fio. Este projeto agrega grande contribuição na área de automação, pois mostra que é possível o desenvolvimento deste tipo de arquitetura, onde diversas tecnologias estão envolvidas.

7. Referências Bibliográficas

Alves, W. P. (2006). JAVA 2 Programação Multiplataforma, volume 1. Editora ÉRICA, 1st edition.

Boylestad, R. L. (1999). Dispositivos Eletrônicos e Teoria de Circuitos, volume 1. Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos, 6th edition.

Capuano, F. G. (1988). Laboratório de Eletricidade e Eletrônica, volume 1. Editora ÉRICA, 1st edition.

Lee, W.-M. (2011). Introdução ao Desenvolvimento de Aplicativos para o ANDROID, volume 1. Editora Ciência Moderna, 1st edition.

Luiz, A. M. (2009). Eletromagnetismo, Teoria e Problemas Resolvidos, volume 3. Editora Livraria da Física, 1st edition.

Markus, O. (2004). Circuitos Elétricos em Corrente Contínua e Corrente Alternada, volume 1. Editora ÉRICA, 4th edition.

Mattos, E. C. T. (2007). Programação de Softwares em Java, volume 1. Digerati Books, 1st edition.

MICROCHIP (Acessado em 2012). Site oficial microchip. <http://www.microchip.com/>. MIKROELEKTRONIKA, I. (Acessado em 2012). Site oficial mikroelektronika. www.mikroe.com/.

Miyadaira, A. N. (2009). Microcontroladores PIC18, Aprenda e Programe em Linguagem C, volume 1. Editora ÉRICA, 1st edition.

Nicolosi, D. E. C. (2005). Microcontrolador 8051 com Linguagem C – Prático e Didático. Editora ÉRICA, 1st edition.

Schildt, H. (2010). C – Completo e Total, volume 1. Person Education, 3rd edition. SIG, B. (Acessado em 2012). Site oficial do bluetooth. www.bluetooth.org/.

DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL À INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA: UMA BREVE ANÁLISE DO PERCURSO POLÍTICO DE GANDHI

Josefina Neves Mello , Mario Antônio de Lacerda Guerreiro¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro – RJ

josienmello@uol.com.br

Resumo

Neste artigo busca-se sucintamente discutir à luz da Ética a luta de Gandhi no processo de independência da Índia. Refletindo sobre os acontecimentos históricos, levando-se em conta os princípios éticos aristotélicos e o princípio hindu da satyagraha o objeto deste estudo é tão somente demonstrar que pela força da verdade e pelo princípio da não violência foi possível a Gandhi, com base na desobediência civil de Thoreau, realizar uma revolução pacífica e tirar de sob o jugo britânico o povo indiano.

Palavras-chave: DESOBEDIÊNCIA CIVIL; ÉTICA; GANDHI; INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA; SATYAGRAHA.

Abstract

This article seeks to briefly discuss the light of Gandhi's struggle Ethics in the process of independence of India. Reflecting on the historical events, taking into account the ethical principles and the Aristotelian principle of satyagraha Hindu object of this study demonstrate that it is so only by virtue of the fact and the principle of non-violence Gandhi was possible on the basis of civil disobedience Thoreau, hold a peaceful revolution and take under the yoke of the British Indian people.

Keywords: CIVIL DISOBEDIENCE; ETHICS; GANDHI; INDEPENDENCE OF INDIA; SATYAGRAHA.

1. Introdução

O século XX foi testemunha de grandes transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas; nesses 100 anos, o mundo passou por revoluções que excedem em número e importância aos quatrocentos anteriores. Evidentemente não se vai aqui desmerecer as descobertas e invenções dos primeiros séculos da Era Moderna que, em certo, preparam os alicerces de tais transformações; entretanto, é como se todos os processos tivessem chegado a seu ponto de maturação e à resolução, ao mesmo tempo, neste século terrível.

Duas grandes guerras, o advento da aviação, da corrida espacial, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação, a inteligência artificial, o Projeto Genoma, nanotecnologia e microcirurgia, e mais uma extensa lista de descobertas e desenvolvimentos que mudaram a vida do homem e a face de todo o planeta.

Acontecimentos políticos cruciais estão presentes em toda a história, porém os eventos nucleares da Segunda Grande Guerra (1939-1945) e a independência da Índia após 70 anos de submissão à Coroa britânica (01/01/1877-14/08/1947) são considerados de alta importância, na contemporaneidade, para estudos sobre ética. Num extremo, as bombas atiradas sobre Hiroshima e Nagasaki numa inaudita violência contra cidadãos japoneses, e no outro uma luta silenciosa, entre marcha e contramarcha do poder britânico contra o compromisso de Gandhi rumo à libertação de seu povo. Neste estudo, portanto, vai-se tratar sucintamente do processo de independência da Índia, pelo fato de ser o único caso na história do Ocidente de uma revolução pacífica que, por caminhos éticos, chegou a termo, realizando os objetivos tanto de líderes quanto de liderados.

2. Acerca da Ética de Aristóteles

Dado que a felicidade é certa atividade da alma segundo perfeita virtude, deve-se investigar a virtude, pois assim, presumivelmente, teremos também uma melhor visão da felicidade. [...] ; // [...]; chamamos

de virtude as disposições dignas de elogio. ; // Sendo dupla a virtude – uma intelectual, a outra moral –, a virtude intelectual tem gênese e aumento em grande parte pelo ensino (por isso requer experiência e tempo), ao passo que a virtude moral resulta do hábito, de onde tirou também o nome, divergindo ligeiramente do ethos. ;

A ética como disciplina prescritiva orienta a vida dos homens para viverem em sociedade de maneira ideal, de modo a não fazer ao outro aquilo que não deseja para si mesmo; do mesmo modo, num movimento solidário retrospectivo, fazer ao outro o que gostaria que lhe fizessem. O homem age segundo sua cultura e suas disposições pessoais; portanto, o ensino da ética no mundo contemporâneo – levando em conta sua complexidade – torna-se a cada dia mais útil e mesmo necessário.

Como a presente disciplina não visa ao conhecimento, como as outras visam (pois inquirimos não para saber o que é virtude, mas para tornar-nos bons, dado que, de outro modo, em nada seria útil), é necessário investigar o que concerne às ações, como devemos praticá-las, pois são elas que determinam também que as disposições sejam de certa qualidade, como dissemos. O agir segundo a reta razão é corrente; fique valendo como tese [...].

Parafraseando Aristóteles, aprende-se ética não para ter conhecimento da disciplina e sim para tornar-se ético. E ainda seguindo os passos do filósofo grego, aprende-se ética e as virtudes que lhe são inerentes pelo estudo e pelo exemplo. Mas, como já o prescrevera o mestre da Academia, Ética se aprende fazendo, agindo eticamente e não apenas lendo sobre. A cada passo ético dado pelo indivíduo, novas disposições serão alimentadas no sentido de acumular energia e disposição moral para seguir agindo corretamente.

3. Sobre o dever da desobediência civil de H. D. Thore

“Num governo que aprisiona qualquer um injustamente, o verdadeiro lugar para um homem justo é também na prisão. [...]” (THOREAU, A desobediência civil, p.272)

Henry David Thoreau nasceu numa fazenda, no Estado de Massachusetts, em 1817, filho de imigrantes de ascendência francesa e escocesa. Formado em Harvard, dedicou-se ao magistério por algum tempo, mas depois de sua experiência de morar às margens do lago Walden tornou-se escritor e conferencista. Após passar uma noite na prisão, por recusar-se a pagar imposto, escreveu o ensaio sobre a necessidade da desobediência civil contra um Estado que faz a guerra, lançando assim a gênese de uma revolução pacífica, que veio a se tornar cartilha de princípios para Gandhi em sua luta pela liberdade da Índia.

Aqueles eram tempos em que Thoreau vivia profundamente revoltado contra a situação do regime escravocrata dos Estados Unidos e com a guerra contra o México. Ao longo de seu texto ficam patentes seus critérios de cidadão democrata. Por sua formação em letras clássicas e filosofia, seus ideais espelhavam forte herança da cultura grega. Ainda, por seus estudos sobre as filosofias orientais, era profundamente ligado à natureza e tanto por isso cultivava um forte compromisso pela liberdade individual. Sua frase mais famosa – que virou refrão à época do governo militar brasileiro (1964-1984) – abre o ensaio sobre desobediência: “Bom governo é o que governa menos”; logo adiante ele reitera: “O melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma”.

E mais: «Se a injustiça faz parte do necessário atrito da máquina governamental, deixe estar: quem sabe desgastar-se-á suavemente a própria máquina acabando por se desfazer. Se a injustiça, no entanto, tem mola, polia, corda ou manivela exclusivas, talvez possais considerar se o remédio não será pior que o mal; mas se é de tal natureza que exija de vós ser agente de injustiça para com outra pessoa, digo-vos então, rompei a lei. Que vossa vida seja um atrito contrário para deter a máquina. O que me cumpre

é ver se de algum modo não estou contribuindo para o erro que condeno» (THOREAU, p.270-1).

Pela natureza deste estudo, não se poderá apresentar aqui o texto integral de Thoreau; logo, apenas alguns recortes de “A desobediência civil” foram selecionados para enfatizar sua visão política pacifista, razão de sua adoção por Gandhi.

4. Mahatma Gandhi e sua ação de desobediência civil

“O general encerra sabedoria, credibilidade, benevolência, coragem e retidão” (Sun Tzu, A arte da guerra, p.50).

Mahatma Gandhi, a grande alma. Assim ficou conhecido o homem que “derrubou” o império britânico, como afirmam observadores. Com seu pequeno porte e sua voz clara, comandava multidões com a autoridade do mais temível general. No entanto, sua autoridade, dizia ele, estava no amor e na liberdade, na luta ética contra a injustiça, cuja virtude era a de cumprir sempre a palavra dada, sob qualquer circunstância.

Com base em uma revolução que pregava a verdade e a não violência contra as injustiças de um governo tirano, este pequeno homem mudou o mapa dos negócios ingleses, realizando um feito tão espetacular que, nas palavras de Einstein, “dentro de mais algumas décadas, as gerações por vir terão dificuldades em acreditar que um homem como este realmente existiu e caminhou sobre a face da Terra”.

Formado em Direito na Inglaterra, viveu duas décadas na África do Sul, onde iniciou seu movimento de desobediência civil a favor de indianos trabalhadores no território africano. Depois de seguidos processos que lhe renderam várias temporadas na prisão e de igual número de pequenas vitórias em favor dos seus clientes e seguidores, retornou à Índia com o firme propósito de continuar ali sua cruzada com “satyagraha ou a força da verdade” e “ahimsa ou não violência” (literalmente “sem dor”) – pregando a paz e a harmonia entre os homens. Depois que

Gandhi constatou o poder do método Satyagraha, profetizou como poderia transformar a civilização moderna: “É uma força que, se ficasse universal, revolucionaria ideais sociais e anularia despotismos e o militarismo”.

“[...] A arte militar não é algo com que obter prazer, a vitória não é algo com que lucrar” (Sun Pin, A arte da guerra, p.158).

5. Enfim, nesta noite, a liberdade!

“Essa noite haverá novas fogueiras./ Ó lágrimas de prantos enxugados!/ Ó cânticos herdados, ó memórias!” (Jorge de Lima, Invenção do Orfeu, Canto Segundo, IX, fragmento. Poesia Completa, p.567).

Na noite de 14 de agosto de 1947 foram criados dois Estados no antigo território indiano: Índia e Paquistão. Uma nação hindu, outra islâmica. Muitas obras já foram escritas para contar a vitória de Gandhi no processo de independência da Índia; e em todas é unânime a afirmação de que este feito, ainda sem paralelo na história da humanidade, talvez em outro lugar não fosse possível ocorrer. Somente na Índia.

Para se entender como se deu o processo de independência, é preciso entender como Gandhi usou o método de desobediência civil sem deixar em nenhum momento de cumprir os acordos propostos, levando seus liderados a também cumpri-los. Sua personalidade cavalheiresca e seu caráter reto foram sua salvaguarda durante toda sua vida. Para forçar o governo imperial britânico a assinar os acordos – tanto na África como na Índia – ele fazia jejum e avisava que morreria caso não fosse atendido: essa era sua força. E o Parlamento o atendia. E o fazia pressionado pelo temor de um motim generalizado, já que Gandhi era realmente o líder daqueles milhões de homens e mulheres (de todas as castas).

A Índia é um paradoxo, um lugar onde as coisas mais inusitadas acontecem. Um lugar de extremas pobreza e riqueza; de luxo e fome; de filosofia de paz e brutalidades hediondas. Lembrar que Gandhi foi morto pela incompreensão de seus próprios seguidores é um absurdo sem medida. Aqui, são oportunas as palavras do filósofo italiano: “Cada par de contrários é um enigma, cuja resolução é a unidade, o deus está por trás. Com efeito, diz Heráclito: ‘O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome’”.

No entanto, para entender as ações do Mahatma, é necessário apresentar duas classes de categorias que permearam suas ações: seus princípios e suas virtudes. Os princípios já citados são [a] satyagraha, a força da verdade contra a injustiça; [b] ahimsa ou não violência a favor do amor universal. As virtudes que o levaram a agir sempre de modo irrepreensível são [a] pureza de sentimentos; [b] coragem; estas ele conseguia manter por meio de uma vida ascética, de meditação diária, jejuns, vegetarianismo e abstinência de sexo, álcool ou qualquer outra substância que lhe alterasse o ânimo. Recitava diariamente em suas meditações o Bhagavad-Gita, o Alcorão, o Sermão da Montanha e poemas de Rabindranath Tagore.

Gandhi dizia que, para serem éticos consigo mesmos, os homens devem também aprender a dizer **não**.

“[...] Enquanto Lênin preparava a revolução do fundo da sua cela, enquanto os nazistas haviam galvanizado as suas tropas no decorrer das grandiosas manifestações de Nuremberg, Gandhi conduziu a Índia na sua longa marcha para a liberdade propondo-lhe todas as tardes uma simples reunião de oração.”

Com este perfil que o reputou junto às multidões como sendo um santo, mas também considerado por muitos como um dos homens mais hábeis em negociações políticas, foi que Gandhi negociou cada termo da emancipação da Índia, não apenas fundando uma república como também sepultando o mais espetacular império de marajás que o mundo conheceu.

“A partir de amanhã, estaremos libertos do jugo da Grã-Bretanha – declarou [Gandhi]. – Mas a partir de hoje à meia-noite a Índia encontrar-se-á dividida. Amanhã será um dia de festa, mas também um dia de luto”.

No final de sua jornada, aos 77 anos, no entanto, foi assassinado pelo membro de um grupo hindu radical que não queria a divisão do território entre hindus e muçulmanos. E o mais desolador é saber que foi morto pelas mãos daqueles para quem ele acabara de conquistar a independência.

6. Reflexão

“Chegará o dia de podermos apresentar o seguinte quadro: que toda a cultura espiritual da humanidade se assemelha a uma única e gigantesca árvore, com seus galhos cobrindo todos os quadrantes do mundo, e que desta árvore nasceu um renovo após outro, um sistema depois do outro, um estilo aqui, outro acolá –, porém nenhum fortuitamente ou por mero acaso. Reconhecer-se-á que os documentos destinados a fundamentar a história humana não se acham na cultura material, mas na espiritual. [...]” (Leo Frobenius, “Das Archiv Für Folkloristik”, *Paidemu*, 6, Heft 1 Juni, 1938.)

O pensamento em epígrafe que a priori pode parecer utópico demonstra que desde sempre o homem se preocupa em dizer o que almeja, pois, como diz o poeta, somos feitos de cinza, palavra e sonho. A ética por sua natureza prescritiva também carrega sua porção de sonho e utopia, já que afirma um mundo ideal, um mundo como deveria ser.

Diante do exemplo apresentado, é possível concluir sobre Gandhi que, não fora seu caráter virtuoso o guia de sua ética pessoal, ele jamais teria alcançado suas vitórias políticas sem derramamento de sangue inocente. Mortes ocorreram, sim, mas contra sua vontade. Assim, o que se quer refletir aqui é a verdade ética da virtude, da virtude

de um caráter que cumpre até o fim aquilo que se propôs a realizar, sem nenhum dia desviar o olhar de seu alvo, sem se queixar, dedicando sua vida inteira àquela luta, até seu ápice vitorioso.

Thoreau quando escreveu que estava propondo uma revolução passiva – e ética, pode-se afirmar – disse que não sabia se ela seria possível. Mas Gandhi, tantos anos depois, entendeu que o era. Vale enfatizar, no entanto, que sua retidão de caráter, seu comportamento irrepreensível, sua firme convicção na verdade contra a injustiça de um governo espoliador e cruel, de nada adiantaria ser viável a proposta de Thoreau. Este, com certeza, teria tido imensa alegria em saber dos frutos de sua obra!

Assim, pelo princípio da desobediência civil, de Thoreau, foi possível a Gandhi libertar seu povo do império opressor sem jamais deixar de ser ético, sem nunca aplicar injustiça para sanar injustiça. Suas armas foram a Ética e a honra da palavra empenhada e cumprida. Portanto, pode-se concluir que a desobediência, desde que empregada contra a injustiça, não pode ser confrontada à ética como sendo sua contrária em valor moral.

7. Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *ETHICA NICOMACHEA* I 13 – III 8: Tratado da Virtude Moral. (tradução, notas e comentários de Marco Zingano; revisão de Marcel Cezar Pizzorusso). São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Civilização e Cultura*. São Paulo: Global, 2004.

COLLI, Giorgio. *O nascimento da filosofia*. (tradução de Federico Carotti). 3.ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1996.

LAPIERRE, Dominique e COLLINS, Larry. *Esta noite a liberdade*. (tradução de Ricardo Alberty e Maria Armanda Farias; revisão de Fernando N. Rodrigues). 8.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

LIMA, Jorge de. Poesia Completa. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SUN-TZU, SUN-PIN. A arte da guerra. (Edição completa, traduzida do chinês ao inglês por Ralph D. Sawyer, com a colaboração de Mei-chun Lee Sawyer; do inglês ao português, por Ana Aguiar Cotrim). 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

THOREAU, Henry David. Walden ou a vida nos bosques; A desobediência civil. (tradução de Astrid Cabral). 7.ed. São Paulo: Ground, 2007.

8. Notas

Considerado por historiadores como sendo “o último império romântico” do Ocidente. Cf. LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.19.

“O arco eleva a sua arrogante massa de basalto amarelo sobre o promontório que domina o porto de Bombaim. À sombra de sua abóbada mistura-se uma multidão estranha de encantadores de serpentes, leitores da sorte, mendigos e turistas, de hippies entregues ao torpor do sonho ou da droga, de vadios e moribundos rejeitados por uma metrópole excessivamente populosa. Poucos são os olhares que se elevam para ler a inscrição gravada na frontaria deste monumento: «Erigido para comemorar o desembarque nas Índias de Suas Majestades Imperiais o rei Jorge V e a rainha Mary em 2 de dezembro de MCMXI.» [§] “E, contudo, essa ‘Porta das Índias’ foi o arco do triunfo do maior império que o mundo conheceu, um conjunto de territórios onde o sol nunca se escondia. A sua poderosa silhueta foi, para várias gerações de britânicos, a primeira visão das margens encantadas pelas quais tinham abandonado as aldeias de Midlands ou as colinas da Escócia. Soldados, aventureiros, mercadores e administradores, todos passaram por baixo desse arco para irem impor a pax britannica na possessão mais nobre do império, para explorarem um continente conquistado e difundir aí a lei do homem branco, na convicção inabalável de que a sua raça nascera para

dominar e o seu império para durar milênios.” [§] “Tudo isso parece hoje bastante longínquo. A Porta das Índias não é hoje mais do que um simples monumento histórico como os de Roma ou da Babilônia, um padrão esquecido glorificando uma epopéia que morreu sob sua abóbada apenas há vinte e cinco anos.” (LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.11.) [texto escrito pelos autores em 1972]

ARISTÓTELES, I, 13; 1102a5.

Idem, 1103a10.

Idem, II, 1; a15.

Idem, II, 2; b30.

HENRY DAVID THOREAU (12/07/1817-06/05/1862)

Guerra entre os Estados Unidos e o México (1846-1848) que redundou na anexação do Texas e na compra do Novo México e da Califórnia, de acordo A. CABRAL em nota da tradução de “A desobediência civil”, p.263.

“O soldado que se nega a servir numa guerra injusta é aplaudido por aqueles que não se negam a sustentar o governo injusto que a promove; é aplaudido por aqueles cujos atos e autoridade ele despreza e ridiculariza, como se o Estado se penitenciasse a ponto de contratar alguém para flagelá-lo enquanto pecasse, mas não a ponto de abster-se de pecar por um só momento. Desse modo, em nome da ordem e do governo civil, somos finalmente levados a render homenagem a nossa própria baixaza além de sustentá-la. [...]” (THOREAU, p.269)

MOHANDAS KARAMCHAND GANDHI (02/10/1869-30/01/1948)

“Há muitos anos, marcamos encontro com o destino e chegou a hora de cumprirmos a nossa promessa... Ao toque da meia-noite, quando os homens estiverem dormindo, a Índia acordará para a vida e para a liberdade. É este o momento, um momento que a história raras vezes proporciona, quando um povo sai do passado para entrar no futuro, quando acaba uma era, quando a alma de uma nação, durante

largo tempo esmagada, torna a encontrar a sua expressão...” (JAWAHARLAL NEHRU, no Parlamento indiano, uma hora antes da independência da Índia, na noite de 14 de agosto de 1947; em epígrafe de Esta noite a Liberdade)

(COLLI, O nascimento da filosofia, p.59, grifo nosso)

“Os marajás passavam pela vida sobre o tapete voador de um conto oriental. A época de sua glória terminava, mas era de rezear que depois deles o mundo se aborrecesse.” (LAPIERRE E COLLINS, 1987, p.177)

Colhido em CÂMARA CASCUDO, em epígrafe de Civilização e Cultura, 2004, p. 11.

“esta é, na realidade, a proposta de uma revolução pacífica, se tal é possível.” (THOREAU, p.273)

INSTRUÇÕES PARA AUTORES

A Revista da Universidade Ibirapuera é uma publicação semestral da Universidade Ibirapuera.

1. Missão

A Revista da Universidade Ibirapuera tem como missão auxiliar a divulgação de trabalhos realizados por alunos de iniciação científica, profissionais, pós-graduandos e professores.

2. Instruções Gerais

Os artigos devem ser enviados para o e-mail: revista@ibirapuera.br e duas cópias impressas para:

Prof.^a Camila Soares

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Av. Interlagos, 1329 – 4º andar – Chácara Flora

CEP 04661-100 – São Paulo/ SP

As seguintes contribuições serão consideradas para publicação: trabalhos científicos originais, relatos de casos de interesse especial, notas técnicas (comunicações breves), revisões, editoriais (mediante convite dos editores), revisões de livros e cartas ao editor.

Reservam-se à Revista da Universidade Ibirapuera todos os direitos autorais do trabalho publicado, inclusive de tradução, sem remuneração alguma aos autores do trabalho. Por ocasião do aceite do artigo, o autor correspondente (responsável) receberá um formulário de cessão de direitos autorais, que deverá retornar firmado por todos os autores

Os artigos serão submetidos à revisão pelo Conselho Editorial e pelo Conselho Científico (revisão por pares). A decisão final de aceitação ou rejeição de artigos é tomada soberanamente pelo Conselho Editorial. Artigos serão considerados para publicação no entendimento de que não estejam submetidos simultaneamente para publicação em outra Revista, em qualquer idioma.

Os trabalhos não aceitos pelo Corpo Editorial serão devolvidos aos autores. Os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo a opinião do Corpo Editorial. À Revista reservam-se todos os direitos autorais do trabalho publicado, permitindo, entretanto, a sua posterior reprodução como transcrição e com a devida citação da fonte. A data de recebimento e aceitação do original constará, obrigatoriamente, no final do mesmo, quando da sua publicação. Quando houver experimentos realizados in vivo em homens ou animais, devem vir acompanhados com aprovação do Comitê de Ética que analisou a pesquisa. Os seres humanos não poderão ser identificados a não ser que dêem o consentimento por escrito. Os nomes dos autores devem aparecer apenas na página de título, não podendo ser mencionados durante o texto.

3. Submissão de Trabalhos

Os trabalhos devem ser apresentados em formato Word for Windows, fonte Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5, tinta preta, páginas numeradas no canto superior direito. As páginas devem ser no formato A4, incluindo as referências, ilustrações, quadros, tabelas e gráficos. O número máximo de páginas por artigo é de vinte (20). O número máximo de autores por artigo é de seis (06).

Os quadros, tabelas, gráficos e ilustrações devem estar em alta resolução, ser limitados ao mínimo indispensável, identificados e numerados consecutivamente em algarismos arábicos. No corpo do texto deve vir a posição aproximada para sua inserção.

Os trabalhos encaminhados podem ser escritos em português, espanhol ou inglês. Os artigos enviados em português e espanhol devem conter o resumo também em inglês (abstract).

Abreviações oficiais poderão ser empregadas somente após primeira menção completa.

Deverão constar, no final dos trabalhos, o endereço completo de todos os autores, afiliação, telefone, fax e e-mail para encaminhamento de correspondência pela comissão editorial.

3.1 Cabeçalho

Título do artigo em português (letras maiúsculas, em negrito, fonte Arial, tamanho 12 parágrafo centralizado, subtítulo em letras minúsculas (exceção para nomes próprios e em inglês).

3.1.1 Apresentação dos Autores do Trabalho

Nome completo, afiliação institucional (nome da instituição de vínculo (se é docente, ou está vinculado a alguma linha de pesquisa), cidade, estado e e-mail.

3.2 Resumo e Abstract

É a apresentação sintetizada dos pontos principais do texto, destacando as considerações emitidas pelo autor. Para elaboração do resumo, usar no máximo 250 palavras. Palavras-chave e Keywords: . O número de descritores desejados é de no mínimo três e no máximo cinco.

3.3 O Corpo do Texto

3.3.1 Introdução: Deve apontar o propósito do estudo, de maneira concisa, e descrever quais os avanços que foram alcançados com a pesquisa.

3.3.2 Discussão

Interpretar os resultados e relacioná-los aos conhecimentos existentes, principalmente os que foram indicados anteriormente na introdução. Essa parte deve ser apresentada separadamente dos resultados.

3.3.3 Referências e Citações

Devem ser abreviadas no corpo do texto e em notas de pé de página (autor, ano da publicação e, quando for o caso, página) e completas nas referências no final do texto, segundo as normas para apresentação de trabalhos da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Declaração:

Título do artigo: _____

O(s) autor(es) abaixo assinado(s) submeto(emos) o trabalho intitulado acima à apreciação da **Revista da Universidade Ibirapuera** para ser publicado, declara(mos) estar de acordo que os direitos autorais referentes ao citado trabalho tornem-se propriedade exclusiva da **Revista da Universidade Ibirapuera** desde a data de sua submissão, sendo vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação de qualquer natureza, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e obtida junto à **Revista da Universidade Ibirapuera**. No caso de o trabalho não ser aceito, a transferência de direitos autorais será automaticamente revogada, sendo feita a devolução do citado trabalho por parte da Revista da Universidade Ibirapuera. Declaro(amos) ainda que é um trabalho original sendo que seu conteúdo não foi ou está sendo considerado para publicação em outra revista, quer no formato impresso ou eletrônico. Concordo(amos) com os direitos autorais da revista sobre o mesmo e com as normas acima descritas, com total responsabilidade quanto às informações contidas no artigo, assim como em relação às questões éticas.

Data: ___/___/___

Nome dos autores Assinatura

